

a folha

Boletim da língua portuguesa nas instituições europeias

https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/pt_magazine_pt.htm

N.º 74 — primavera de 2024

PROBLEMAS ZONÓMICOS E INADEQUAÇÕES TRADUTIVAS DA SEGUNDA TEMPORADA DE <i>ANIMAIS INCRÍVEIS</i> , PASSADA NA RTP — <i>Carlos Garrido</i>	1
EM FRENTE AO ESPELHO — DOIS SONETOS — <i>Harrie Lemmens</i>	11
<i>O PRINCIPEZINHO</i> EM BARRANQUENHO — UM CONCURSO DE CIRCUNSTÂNCIAS FELIZ — <i>Ana Lorenzo Garrido</i>	12
ACENTOS, PARA QUÊ?! — <i>Jorge Madeira Mendes</i>	14
TENDÊNCIAS DA LÍNGUA PORTUGUESA: AS INÓCUAS E AS INÍQUAS (X) — <i>Jorge Madeira Mendes</i>	17
GEÓRGIA — FICHA DE PAÍS — <i>Paulo Correia</i>	18
MOLDÁVIA — FICHA DE PAÍS — <i>Paulo Correia</i>	21

Problemas zoonímicos e inadequações tradutivas da segunda temporada de *Animais Incríveis*, passada na RTP

Carlos Garrido

Universidade de Vigo / Comissão Linguística da Associação de Estudos Galegos

Dispondo de formação em Zoologia e em Linguística e Tradução, e na qualidade de docente e investigador universitário, tenho prestado notável atenção à tradução de textos científicos didáticos e divulgadores, bem como a diversos problemas de zoonímia e de lexicografia zoológica em galego-português, o que me tem levado a publicar, em volta desses núcleos temáticos, além de numerosos artigos, também duas monografias^{(1) (2)}, um manual⁽³⁾ e um dicionário terminológico quadrilingue⁽⁴⁾. No quadro dessa dedicação intelectual, ao debruçar-me com olhar crítico sobre textos de divulgação faunística traduzidos para português ou para castelhano, com inclusão dos documentários televisivos, observo com preocupação que, em bastantes casos, tais empreendimentos tradutivos, destituídos de uma efetiva revisão científica, são acometidos, frequentemente sob condições de trabalho desfavoráveis e até precárias, por pessoas que erram no uso de termos corriqueiros de zoologia, na determinação de equivalente das denominações vernáculas originais de grupos de organismos e na aplicação dos fundamentos da zoonímia^{(5) (6)}. Nalguns casos, a essas graves *inadequações tradutivas* ainda se junta uma completa ignorância das normas básicas de procedimento próprias da tradução comunicativa (ou *instrumental equifuncional*), o tipo de tradução, atenta às necessidades e particularismos do público destinatário da comunidade sociocultural de chegada, que é indispensável aplicar neste tipo de encomendas⁽⁷⁾.

Um outro tipo de deficiências habituais nos textos de divulgação zoológica compostos em português, tanto traduzidos como originais, são aquelas de natureza terminológica que derivam, não tanto da imperícia do correspondente redator/tradutor, quanto de certos problemas particulares da nossa zoonímia que se prendem com especificidades do léxico português e/ou com a escassa vitalidade que entre nós a elaboração e edição de obras didáticas e divulgadoras sobre história natural tem

tradicionalmente mostrado⁽⁸⁾. De facto, para alguns destes *problemas zoonímicos «estruturais»* já se têm proposto soluções efetivas, mas elas ainda não estão suficientemente socializadas.

Precisamente, com a elaboração e publicação do presente artigo, que focaliza a versão passada na RTP em 2021 da segunda temporada da série documental *Just Animals*, tencionamos, por um lado, chamar a atenção para um conjunto de categorias de *inadequação tradutiva* que entre nós surgem de forma recorrente na translação para português de documentários da natureza e doutros textos divulgadores, e, por outro, divulgarmos o conhecimento de alguns dos *problemas zoonímicos «estruturais»* a que acima nos referíamos, difundindo entre o público português, de passagem, várias propostas que temos feito para os resolver, propostas, essas, que, embora formuladas originalmente em português de Portugal, foram publicadas em revistas especializadas espanholas e brasileiras.

Animais Incríveis é o título da versão portuguesa de *Just Animals*, série documental de divulgação zoológica destinada a largos públicos e lançada internacionalmente em 2018 pela Screen Queensland e pela Wildbear Entertainment, de parceria com ZDF Studios. Produzida por Simone Mckinder e Michael Tear e realizada por Veronica Fury, a série consta de três temporadas de dez episódios cada, e cada episódio dura aproximadamente 50 minutos. Além de uma excelente fotografia dos animais, estes documentários televisivos salientam-se pela circunstância, pouco frequente no género, de cada episódio focalizar um determinado grupo de animais, cuja diversidade é apresentada seguindo, a grandes traços, a correspondente taxonomia interna e prestando atenção às diferentes áreas geográficas em que o grupo está presente. A segunda temporada da série consta dos seguintes episódios: 1.º, «Just Monkeys»; 2.º, «Just Penguins»; 3.º, «Just Reptiles»; 4.º, «Just Hooves»; 5.º, «Just Insects»; 6.º, «Just Octopuses»; 7.º, «Just Wild Dogs»; 8.º, «Just Marsupials»; 9.º, «Just Wild Cats», e 10.º, «Just Sharks», os quais foram passados na RTP1, nessa mesma sequência, traduzidos para português, entre o 13 de fevereiro de 2021 e o 15 de maio de 2021, sob os títulos «1. Macacos», «2. Pinguins», «3. Répteis», «4. Mamíferos com Cascos», «5. Insetos», «6. Polvos», «7. Canídeos», «8. Marsupiais», «9. Felídeos» e «10. Tubarões». A versão portuguesa do documentário foi realizada pela 112 Studios para a RTP Produção, sendo a locução de todos os episódios de Paulo Coelho, e a tradução de Carmen Cabrita, exceto no caso do episódio «Insetos», em que Teresa Rodrigues interveio como tradutora.

Nesta linha, a seguir, expomos e analisamos brevemente, em primeiro lugar, em parágrafos iniciados por *Probl.* e um número sequencial, diversos problemas zoonímicos do português que afloram na segunda temporada de *Animais Incríveis*; em segundo lugar, em parágrafos iniciados por *Inadeq.* e um número sequencial, diversas categorias de inadequações tradutivas que detetamos na versão portuguesa desses episódios do documentário. Para cada problema zoonímico ou inadequação tradutiva, a respetiva ocorrência no documentário é assinalada mediante a indicação do correspondente número de episódio e dos correspondentes minuto e segundo de surgimento no episódio, conforme o esquema «episódio:minuto:segundo(s)».

Probl. 1: Apesar de ser muito frequente na redação de definições lexicográficas, a **enunciação de um táxon ou grupo zoológico** mediante a fórmula «a/o + [categoria taxonómica] + dos + [denominação paracientífica dos integrantes do táxon em plural, com minúscula inicial]» (ex., «a família dos felídeos», «a ordem dos carnívoros»), pelo seu carácter perifrástico (de circunlóquio) e recursivo, deve ser preterida em benefício da fórmula mais simples e natural «a/o + [categoria taxonómica] + [denominação paracientífica do táxon, com maiúscula inicial]» (ex.: «a família Felídeos», «a ordem Carnívoros»)⁽⁹⁾. Observe-se, aliás, que o natural é que, na enunciação de um táxon, a sua denominação surja com maiúscula inicial, não com minúscula, como na fórmula perifrástica e recursiva⁽¹⁰⁾. Assim, p. ex., na segunda temporada de *Animais Incríveis*, podemos propor o seguinte melhoramento:

- E09:07:24: «a subfamília dos panteríneos [...] a subfamília dos felíneos»: melhor, «a subfamília Panteríneos [...] a subfamília Felíneos».

Probl. 2: Indevida desconsideração de denominações vernáculas brasileiras denotativas de animais exóticos que habitam o território brasileiro⁽¹¹⁾. Uma prolongada incomunicação entre Portugal e o Brasil e a tradicional dependência verificada em Portugal de produtos culturais e editoriais

britânicos, franceses e espanhóis explicam que, com elevada frequência, na bibliografia zoológica portuguesa se tenha optado, injustificadamente, por designar com os correspondentes nomes ingleses, franceses ou espanhóis grupos de animais que apresentam distribuição geográfica no Brasil e que dispõem no português brasileiro de denominação vernácula popular satisfatória.

Deixando de parte uma série bem justificada de exceções já consagradas pelo uso — devidas, sobretudo, à natural preferência lusitana, nalguns casos, por americanismos (e asiaticismos) internacionais (*anaconda* frente a *sucuri*, *caimão* frente a *jacaré*, *jaguar* frente a *onça(-pintada)*, *puma* frente a *suçuarana* ou *onça-parda*, etc.) e por denominações vernáculas eruditas de caráter sistematizador e internacionalizante sobre as correspondentes populares brasileiras (*esquilo-brasileiro* frente a *caxinguelê*, *tapir-amazónico* frente a *anta*, etc. —, na maior parte dos casos é claro que não faz sentido que grupos de animais brasileiros com nome português recebam, na bibliografia lusitana, nomes discordantes dos brasileiros utilizados em línguas diferentes do português (ex.: **aguti*, por *cutia*; **armadilha*, por *tatu*; **mapache*, por *guaxinim*), tanto mais que a Internet, felizmente, tem vindo a reforçar e a facilitar em larga medida a comunicação cultural e científica entre as duas margens lusófonas do Atlântico.

Nesse sentido, na segunda temporada de *Animais Incríveis*, detetamos os seguintes casos de indevida desconsideração de soluções do português do Brasil, em benefício das de cunho inglês e castelhano:

- E01:14:10/49:08: *golden lion tamarin* ‘macaco da sp. *Leontopithecus rosalia*’ > **tamarim-leão-dourado*, por *mico-leão-dourado* ou *sagui(m)-amarelo* ou *sagui-piranga*; E01:36:10: *emperor tamarin* ‘macaco da sp. *Saguinus imperator*’ > **tamarim-imperador*, por *sagui(m)-imperador* ou *sagui(m)-de-bigode*. Para designar as espécies dos gén. *Leontocebus*, *Leontopithecus* e *Saguinus*, em vez de seguir o esquema designativo brasileiro (íngl. *marmoset* + *tamarin* > port. Br. *sagui(m)* [+ *mico*]), segue-se indevidamente o esquema designativo inglês/castelhano (íngl. *marmoset* + *tamarin* > port. *sagui(m)* + *tamarin*)⁽¹²⁾.
- E01:15:20: *woolly monkey* > **macaco-lanudo*, por *macaco-barrigudo*: é razoável não se utilizarem no português de Portugal os indigenismos brasileiros *caparro* e *caparu*, mas não parece tão razoável não se utilizar entre nós a solução brasileira (*macaco-*)*barrigudo*⁽¹³⁾.
- E01:15:50/38:15: *capuchin monkey* ‘macaco da subfam. Cebíneos, gén. *Cebus* e *Sapajus*’ > **macaco-capuchinho*, por *macaco-prego* ou *mico-de-topete*⁽¹⁴⁾.
- E01:18:40: *squirrel monkey* ‘macaco do gén. *Saimiri*’ (< íngl. *squirrel monkey*) > *macaco-esquilo*, com esquecimento de *macaco-de-cheiro*⁽¹⁵⁾, a solução vernácula habitual no Brasil.
- E07:14:42-44: **mapache* (< íngl. *raccoon*) e **cão-mapache* (< íngl. *raccoon dog*), por, respet., *guaxinim* e *cão-guaxinim*. Ainda que no português de Portugal predomine hoje o uso do castelhanismo (de origem nauatle) *mapache*, o natural é nele adotar a correspondente denominação brasileira preferente (de origem tupi) *guaxinim*, a qual designa no Brasil sobretudo o procionídeo autóctone *Procyon cancrivorus*, o *guaxinim-caranguejeiro* ou *mão-pelada*.
- E08:06:25 *et passim*: *sarigueia* ‘marsupial da ordem Didelphimorphia’, por *gambá*, a forma supradialetoal no Brasil⁽¹⁶⁾.
- E09:13:47/42:17: **ocelote* ‘felídeo da sp. *Leopardus pardalis*’ (< íngl. *ocelot* [= cast. *ocelote*]), por *jaguaririca*⁽¹⁷⁾.
- E09:13:49: **margai* ‘felídeo da sp. *Leopardus wiedii*’ (< íngl. *margay* [= cast. *margay*]), por (*gato-*)*maracajá*⁽¹⁸⁾.

Probl. 3: Falta de unificação no português de Portugal da designação vernácula dos odonatos, dos anisópteros e dos zigópteros. Enquanto no português brasileiro a designação vernácula dos insetos da ordem Odonatos e a dos insetos das correspondentes subordens Anisópteros e Zigópteros parece estar unificada nos textos zoológicos (respet., *libélulas* sensu lato, *libélulas* sensu stricto e *donzelinhas*), no caso do português de Portugal tal designação não está ainda padronizada, como se observa na tabela seguinte:

Designação vernácula em português dos insetos odonatos nos textos de zoologia

Texto	ordem Odonatos (ingl. <i>dragonfly s.l.</i>)	subordem Anisópteros (ingl. <i>dragonfly s.s., true dragonfly</i>)	subordem Zigópteros (ingl. <i>damsel fly</i>)
Wikipédia ⁽¹⁹⁾ : s.v. “Anisoptera”, “Zygoptera” (pt-Br)	libélula s.l.	libélula s.s.	donzelinha
Silva Farias et al. (pt-Br) ⁽²⁰⁾	- - -	libélula	donzelinha
GEA (pt-Pt) ⁽²¹⁾	libélula [pág. 551]	libelinha [pág. 551]	donzelinha [pág. 551]
EARAI (pt-Pt) ⁽²²⁾	- - -	libélula [pág. 166]	libelinha [pág. 166]
DPE (pt-Pt) ⁽²³⁾	libélula s.l. + libelinha s.l. [s.v.]	libélula s.s. [s.v.]	libelinha s.s. [s.v.]
Animais Incríveis (pt-Pt)	libelinha s.l. [E05:14:49]	libelinha s.s. [E05:14:49]	tira-olhos [E05:14:49]

Em contraste com a escolha da tradutora do episódio 5.º da segunda temporada de *Animais Incríveis* (v. tabela), para se designarem globalmente os insetos da ordem Odonatos, achamos que a denominação vernácula que deve utilizar-se em português de Portugal no registo formal, de harmonia com o que acontece no português do Brasil, é o cultismo *libélula*; para se designarem os anisópteros, julgamos conveniente, seguindo o esquema designativo do português do Brasil (e do inglês e do castelhano, entre outras línguas), que o português de Portugal também recorra ao uso, num sentido restrito, da mesma denominação *libélula*; por sua vez, a variante popular *libelinha*, cuja terminação lhe imprime inequivocamente um sentido diminutivo, pode reservar-se, de harmonia com a escolha já realizada nalgumas obras portuguesas (v. tabela), para denotar os odonatos da subordem Zigópteros (os quais, em geral, são insetos mais delicados do que os anisópteros), se bem que, com vistas a uma desejável convergência com o português do Brasil, talvez se revelasse aqui mais conveniente a adoção da denominação *donzelinha*, também presente no português europeu.

Probl. 4: Designação vernácula no português de Portugal das borboletas-noturnas (lepidópteros que não pertencem à subordem Ropalóceros). No português lusitano, o termo *traça*, além de um zigentomo (a traça-dos-livros ou *Lepisma saccharina*), denota, em sentido latíssimo, todas as borboletas-noturnas⁽²⁴⁾, designadas no Brasil por *mariposas* e na Galiza por *avelainhas*; nessas três variedades nacionais de português, *traça*, em sentido lato, denota todos os lepidópteros cujas larvas prejudicam plantas de cultura ou objetos de valor (como a traça-da-batata), e, em sentido restrito, os lepidópteros domésticos da família Tineídeos, que atacam tecidos e outros produtos similares (como a bem conhecida traça-da-roupa). Dada essa vincada polissemia, talvez fosse conveniente, no português de Portugal, reservar o uso de *traça* para os dois últimos sentidos assinalados, e adotar o vocábulo *mariposa*, conforme o modelo brasileiro, para se designarem em conjunto as borboletas-noturnas, o que, de facto, foi feito pela tradutora do episódio quinto de *Animais Incríveis*:

- E05:12:20: «*mariposa* ou *traça*» (< ingl. *moth*), com subsequente priorização de *mariposa*: *mariposa-Atlas* ‘saturnídeo *Attacus atlas*’ (< ingl. *Atlas moth*)⁽²⁵⁾, *mariposa-cecrópia* ‘saturnídeo *Hyalophora cecropia*’ (< ingl. *cecropia moth*).

Probl. 5: Designação em português dos elapíneos (serpentes da família Elapídeos) que, quando excitados, dilatam a região cervical em forma de capuz ou escudo (géneros *Naja*, *Ophiophagus*, *Pseudohaje*, *Hemachatus* e *Aspidelaps*). Para designar este grupo (não natural) de serpentes, o português dispõe do vocábulo, bem expressivo, *cobra-(de-)capelo*. Para denotar, em particular, as cobras-capelo do género *Naja*, as cobras-capelo típicas ou em sentido estrito, a nossa língua também pode recorrer ao vocábulo de origem indiana *naja*. Ora bem, como um grande número de línguas europeias habilitou a denominação destes ofídios mediante o truncamento do último componente do vocábulo português *cobra-capelo*, pois nessas línguas *cobra* ou *Kobra* não se confunde com a designação patrimonial das cobras (al. *Schlange*, cast. *culebra/serpiente*, ingl. *snake/serpent*, etc.), agora, por imitação, sobretudo, das denominações vernáculas inglesas das diferentes espécies do grupo,

entra com força em português o uso anómalo de *cobra* com o sentido de ‘cobra-capelo’⁽²⁶⁾. Na segunda temporada de *Animais Incríveis*, todas as cobras-capelo que surgem no documentário são chamadas *najas*, o que é correto em todos os casos, exceto no seguinte:

- E03:19:00: **naja-real* ‘cobra-capelo da sp. *Ophiophagus hannah*’ (< ingl. *king cobra* [= al. *Königskobra* = cast. *cobra real*]): dado que esta cobra-capelo não pertence ao género *Naja*, melhor teria sido designá-la por *cobra-capelo-real*.
Já agora, o dicionário da Porto Editora chama **cobra-real* a esta espécie de elapídeo asiático muito peçonhenta, o que é inadequado, já que *cobra-rei* e *cobra-real* (< ingl. *king snake* [= al. *Königsnatter*]) são denominações que devem designar os colubrídeos americanos do género *Lampropeltis*, serpentes constritoras não venenosas, de cores chamativas.

Probl. 6: Designação conjunta em português das espécies de macacos cercopitecídeos do género *Macaca*. Um caso problemático é constituído pela designação das 23 espécies de macacos cercopitecídeos do género *Macaca*, já que, embora em português estejam disponíveis denominações vernáculas (eruditas) para as diversas espécies do género (ex.: *macaco-berbere* ou *macaco-de-Gibraltar* ‘cercopitecídeo da sp. *Macaca sylvanus*’, *macaco-caranguejeiro* ou *macaco-cinamolgo* ‘cercopitecídeo da sp. *Macaca fascicularis*’, *macaco-Reso* ‘cercopitecídeo da sp. *Macaca mulatta*’), para o género no seu conjunto não existe na nossa língua qualquer denominação paracientífica ou vernácula, e a sua cunhagem revela-se assaz complexa. As causas de tal dificuldade prática são, em primeiro lugar, que o respetivo nome científico (*Macaca*), de que deveria derivar a correspondente denominação paracientífica, já provém do português, e coincide com o vocábulo *macaco* -a do português comum; em segundo lugar, as correspondentes denominações vernáculas nas diversas línguas europeias provêm, em geral, também do próprio português (al. *Makak(e)*, cast. *macaco*, fr. *macaque*, ingl. *macaque*, it. *macaco*, etc.), o que impossibilita em português um empréstimo ou decalque, e, em terceiro lugar, os macacos do género *Macaca* constituem um táxon que não apresenta qualquer carácter evidente privativo do grupo, a que se possa recorrer para forjar uma denominação neológica por composição⁽²⁷⁾. Assim sendo, para verter para português os termos al. *Makak(e)*, cast. *macaco*, ingl. *macaque*, etc., tem de se recorrer, de forma exclusiva, à correspondente denominação científica, convenientemente antecedida da denominação vernácula ou paracientífica de um grupo superordenado, como *macaco, cercopitecídeo* ou *cercopitecíneo*, como o nosso seguinte exemplo mostra:

Sci. Am., 9/2018: 53: «A link from the motor cortex to the brain stem coordinates [no ser humano] the larynx muscles, a circuit absent in chimpanzees and macaques.»

Tradução nossa: «Uma ligação do córtex motor ao tronco encefálico coordena [no ser humano] os músculos da laringe, circuito ausente nos chimpanzés e nos macacos do género *Macaca*.»

Para preenchermos esta lacuna designativa do português, há uns anos fizemos a seguinte proposta neológica⁽²⁸⁾: utilizarmos em português a denominação paracientífica *cinopiteco* (etimologicamente, ‘macaco-cão’), derivada do nome genérico obsoleto *Cynopithecus*, que alguma espécie do género *Macaca* apresentou no passado (como *Cynopithecus niger*, hoje *Macaca nigra*, o macaco-negro-de-crista). Deste modo, a tradução acima proposta ficaria como «Uma ligação do córtex motor ao tronco encefálico coordena [no ser humano] os músculos da laringe, circuito ausente nos chimpanzés e nos cinopitecos», e, por outro lado, as denominações dos macacos do género *Macaca* que surgem na segunda temporada de *Animais Incríveis*, as quais são corretas, teriam, em cada caso, uma alternativa designativa mais específica:

- E01:08:40: *macaco-da-Barbária* ‘cercopitecídeo da sp. *Macaca sylvanus*’ [melhor: *macaco-da-Berbéria* ou *macaco-berbere*; com o neologismo proposto, tb. *cinopiteco-berbere*] (< ingl. *Barbary macaque*).
- E01:30:40/34:25: *macaco-japonês* ‘cercopitecídeo da sp. *Macaca fuscata*’ [com o neologismo proposto, tb. *cinopiteco-japonês*] (< ingl. *Japanese macaque*).
- E01:42:40: *macaco-caranguejeiro* ‘cercopitecídeo da sp. *Macaca fascicularis*’ [= *macaco-cinamolgo*; com o neologismo proposto, tb. *cinopiteco-caranguejeiro*] (< ingl. *crab-eating macaque* = *cynomolgus monkey*).
- E01:45:40: *macaco-Résus* ‘cercopitecídeo da sp. *Macaca mulatta*’ [melhor: *macaco-Reso*; com o neologismo proposto, tb. *cinopiteco-Reso*] (< ingl. *rhesus macaque*).

Nos parágrafos que se seguem, agrupamos as inadequações tradutivas por nós detetadas na segunda temporada de *Animais Incríveis* sob as rubricas «deficiências nos zoónimos paracientíficos», «deficiências nos zoónimos vernáculos», «deficiências no uso de vocábulos e de termos zoológicos não zoonímicos», «falta de adaptação naturalizadora de discordâncias interculturais» e «deficiências factuais».

Inadeq. 1: Deficiências nos zoónimos paracientíficos. Nesta categoria, as inadequações detetadas consistem no uso de um sufixo nomenclatural não pertinente, que não corresponde à categoria taxonómica referida:

- E01:13:09: *«subfamília Colobídeos», por «subfamília Colobíneos» (sufixo *-íneos*, de subfamília de animais).
- E03:02:41/06:05/06:20: *«os Esquamatas», por «os Escamados» (adaptação correta da denominação científica *Squamata*).
- E03:10:13: *«ordem Anfisbenídeos», por «ordem Anfisbénidos» (o sufixo *-ídeos* corresponde a táxones da categoria família, e não da categoria ordem).
- E04:14:12: *«família dos caprinos», por «subfamília Capríneos» (os Capríneos [Caprinae] são uma subfamília da família Bovídeos; o sufixo *-inos* das denominações paracientíficas portuguesas corresponde à categoria tribo).
- E05:15:03: *«ordem Blatídeos», por «ordem Blatódeos» [< Blattodea; tb. Blatários ou Blátidos] (o sufixo *-ídeos* corresponde a táxones da categoria família, e não da categoria ordem).

Inadeq. 2: Deficiências nos zoónimos vernáculos. Nesta categoria, detetámos as seguintes inadequações tradutivas:

- E01:01:09 [título do episódio]: *«Macacos». Realmente, o título em português deste episódio deveria ter sido «Macacos Não Antropóides», ou «Símios Não Antropóides», pois no original o uso de *monkey* é como *monkey s.s.*, que exclui *ape*⁽²⁹⁾: assim, em E01:02:23 diz-se que o tamanho máximo dos macacos é 35 kg (machos do mandril), com exclusão, portanto, dos gorilas e dos restantes macacos antropóides.
- E01:05:12/06:00: Utiliza-se *símio* em dois sentidos: um, correto (05:12), como sinónimo de *primata superior*, i. é, primata da infraordem Simiiformes, ou Simiiae, que compreende os macacos não antropóides, os macacos antropóides e o ser humano; e outro, incorreto (06:00), no sentido de ‘macaco, ou símio, antropóide’: «pequenos símios» (gibões e siamango) e «grandes símios» (gorilas, chimpanzé, bonobo, orangotangos)⁽³⁰⁾.
- E02:13:18: **pinguim-papua* ‘pinguim da sp. *Pygoscelis papua*’ (< ingl. *gentoo penguin*, *Johnny penguin*), por *pinguim-de-sobrancelha-branca* (na ótima proposta nomenclatural, abrangente e unificadora, de Paulo Paixão⁽³¹⁾). Embora, por causa de uma confusão, a denominação científica desta espécie inclua o epíteto *papua*, a denominação vernácula portuguesa utilizada, *pinguim-papua*, é claramente inadequada, por enganadora, dado que esta espécie não habita na Papua(-Nova Guiné)⁽³²⁾.
- E03:18:27/38:15/38:30: **cobra-mortal* ‘elapídeo do gén. *Acanthophis*’ (< ingl. *death adder*), por *víbora-da-morte* ou *áspide-da-morte*. Por um lado, o formante *cobra* é demasiado abrangente, e esta espécie, sem ser viperídeo, parece-se com uma víbora (= ingl. *adder*, al. *Otter*); por outro lado, o segundo componente do termo, para marcar este inequivocamente como denominação vernácula de grupo taxonómico, deve incluir o substantivo *morte*, e não o adjetivo *mortal* (cf. al. *Todesotter*, cast. *víbora de la muerte*, fr. *vipère de la mort*, it. *vipere della morte*).
- E04:46:10: *«nalgumas religiões o gado [< ingl. *cattle*] é venerado», por *gado vacum* ou *gado bovino* ou *as vacas / os bois*.
- E05:8:34/9:59: **escaravelho-gigante-de-antenas-compridas* ‘besouro cerambicídeo da sp. *Titanus giganteus*’ (< ingl. *giant longhorn(ed) beetle*), por *longicórnio-gigante* (dado que os cerambicídeos recebem em inglês a denominação vernácula *longhorn(ed) beetles*, e em português a de *longicórnios*).
- E08:06:27/11:25/12:00/13:00-13:13/13:25/14:25 *et passim*: **opóssum* - **opóssuns* ‘marsupiais da Austrália, da Nova Guiné ou de Celebes do grupo Phalangeriformes’, por *póssum* - *póssuns* (< ingl. *possum*): confusão com a denominação inglesa dos *gambás* ‘marsupiais americanos do grupo Didelphimorphia’ (= ingl. *opossum*)⁽³³⁾.

Inadeq. 3: Deficiências no uso de vocábulos e de termos zoológicos não zoonímicos. Nesta categoria, detetámos as seguintes inadequações tradutivas:

- E01:26:30, E05:26:29: **evidências fósseis* (< ingl. *fossil evidence*), por *indícios fósseis*, *testemunhos fósseis*, *provas fósseis*. Em português genuíno, uma evidência é uma obviedade.
- E01:10:05: **Antártica* ‘continente antártico’, por *Antártida*.
- E03:06:45/12:33/25:31, E09:37:28, E10:06:08: **maxila(s)* ‘maxilar(es)’, por *maxilar(es)*. Na terminologia zoológica, *maxila* denota o maxilar superior, enquanto *mandíbula* designa o maxilar inferior (portanto, é incorreta a expressão, usada no E03, «maxilas inferiores»).
- E03:18:36/19:35/42:25: **gancho* ‘presa, colmilho de serpente’, por *presa* ou *colmilho* (*gancho* não é termo zoológico no sentido assinalado).
- E04: **bilião* ‘mil milhões’ (< ingl. *billion*), por *mil milhões / um milhar de milhões*: «chegando aos biliões [os ungulados]» (E04:02:55); «Muitas espécies de mamíferos com cascos têm êxito a ponto de chegarem aos biliões» (E04:48:25).
- E06:27:30-34: «[Para regularem a fluatibilidade, os chocos] Ajustam os níveis de gás e água na sua concha interna e porosa, conhecida como *concha interna do choco*.».
Emprego inadequado de uma expressão descritiva para verter o ingl. *cuttle(bone)*, em vez dos termos próprios *siba* e *osso (de choco)*⁽³⁴⁾.
- E06:46:57-47:05: comenta-se o uso de *sibas* (na imagem vê-se uma *siba*) para proporcionar cálcio a aves de gaiola, mas o termo utilizado é, erroneamente, **gládio* (= *pena*; < ingl. *gladius*), o qual, na realidade, designa a concha interna córnea e não calcificada de alguns chocos e da maioria das lulas⁽³⁵⁾.
- E08:06:18: **Sulawesi*, por *Celebes*.
- E09:48:47: **sistema imunológico*, por *sistema imunitário* (melhor é reservar o adjetivo *imunológico* para denotar «relativo à Imunologia»).

Inadeq. 4: Falta de adaptação naturalizadora de discordâncias interculturais. A tradução de documentários, enquanto textos (audiovisuais) divulgadores, deve pautar-se pelo modelo da *tradução comunicativa* (ou *tradução instrumental equifuncional*), de modo que, atento às particularidades da comunidade sociocultural recetora, o tradutor deve adaptar no texto de chegada para o público português as discordâncias interculturais (formais ou circunstanciais) que surgirem na tradução. Esta adaptação naturalizadora, indispensável, não foi feita na segunda temporada de *Animais Incríveis* nos seguintes casos em que ela era necessária:

- E04:05:25: *«crocodilos e aligátors», por «crocodilos e caimões».
Embora para o público anglo-saxónico (destinatário principal da versão original de *Animais Incríveis*) os aligátors constituam os representantes mais populares da família Aligatorídeos, por eles viverem nos EUA, para o público lusófono são os caimões (ou jacarés) os aligatorídeos mais populares, por habitarem no Brasil.
- E08:02:32: de início, no documentário, os gambás são atribuídos unicamente à fauna dos EUA, já que, para o público anglo-saxónico (destinatário principal da versão original de *Animais Incríveis*), o gambá-norte-americano ou gambá-da-Virgínia é o gambá mais popular; todavia, dado que diversas espécies de gambás vivem no território brasileiro, a tradução para o público português deveria ter generalizado essa referência, adscrevendo os gambás também às faunas centro e sul-americana.
- E08:06:25/20:17, E09:34:20: *«nas Américas» (< ingl. «in the Americas»), por «na América».
Em inglês, *America* designa, principalmente, os EUA, pelo que, para se denotar todo o continente americano, se recorre à expressão «the Americas», cujo decalque se revela claramente inadequado em português, com visão lusófona.
- E09:09:38-51: «[O puma] é muitas vezes referido como o “gato de muitos nomes”. Só em inglês tem mais de 40 [*cougar, puma, mountain lion, catamount, panther, etc.*]: entre os mais conhecidos, temos o *leão-da-montanha*, o *puma* e a *pantera-negra*.».
Aqui, a tradutora para português decalcou a observação metalinguística original, referente ao inglês, o que origina um comentário, em primeiro lugar, que não tem grande interesse para o público português (naturalmente mais interessado nas particularidades designativas da língua portuguesa do que nas da inglesa) e, em segundo lugar, que se revela falso e absurdo, porque as denominações **leão-da-montanha* e **pantera-negra*, artificialmente decalcadas pela tradutora do inglês original, não são utilizadas em português. Portanto, a tradutora, no quadro de uma tradução verdadeiramente comunicativa, devia ter adaptado este trecho, de modo que o texto de chegada se referisse às diferentes denominações do puma realmente existentes em português (*puma, suçuarana, onça-parda, leão-baio, etc.*).

- E10:04:00-10: «O seu [do tubarão] nome atual em inglês, *shark*, pensa-se que tenha origem na palavra alemã *Schurke*, que significa ‘patife’». Aqui, a tradutora para português decalcou a observação metalinguística original, referente ao inglês, o que origina um comentário que não tem grande interesse para o público português (naturalmente mais interessado nas particularidades designativas da língua portuguesa do que nas da inglesa). Portanto, a tradutora, no quadro de uma tradução verdadeiramente comunicativa, devia ter adaptado este trecho, de modo que o texto de chegada se referisse à origem da denominação portuguesa *tubarão*⁽³⁶⁾.

Inadeq. 5: Deficiências factuais presentes no texto de chegada. Como afirma Peter A. Schmitt⁽³⁷⁾, o tradutor deve dispor dos suficientes conhecimentos da especialidade dos textos com que trabalha para, no quadro da tradução comunicativa, não incorporar à sua tradução *defeitos absurdos* presentes no texto de partida; além disso, o bom tradutor de um texto especializado, quando não conta com a colaboração de um revisor científico, como é o caso da tradução em apreço, deve documentar-se com a eficácia suficiente para, na medida do possível, também não transferir do texto-fonte para o texto-alvo afirmações falsas menos óbvias do que os *defeitos absurdos* supracitados. Ora, estes *desiderata* parece não se terem cumprido na produção de *Animais Incríveis*, como os seguintes casos testemunham:

- E03:07:20/08:30: «Os lagartos têm patas» + E03:24:15: «os lagartos sem patas». Como *simplificação pedagógica*, ou *divulgadora*, a afirmação/generalização de os lagartos terem patas é aceitável, por mais que haja diversas espécies de lacertílios que só as mostram atrofiadas, ou que estão totalmente despossuídos delas; ora bem, dado que, no mesmo episódio do documentário, se mostra alguma espécie de lagarto carente de patas, e a locução se refere a tal circunstância, por coerência, no texto de chegada devia ter-se restringido a afirmação inicial, formulando-a, por exemplo, como «Os lagartos, na sua maior parte / salvo exceções, têm patas».
- E04:19:10: «Os cervos-ratos pertencem à família dos veados». Esta afirmação realizada na versão portuguesa do documentário é falsa (dado que os cervos-ratos ou trágulos não pertencem à família Cervídeos, mas sim à família Tragulídeos), e, caso estivesse também presente no original, devia ter sido corrigida pelo tradutor no texto de chegada.
- E04:28:23-33: «Avanços na pesquisa molecular mostram agora que os ungulados têm laços mais estreitos com os morcegos [= Quirópteros], os pangolins [= Folídotos] e os insetos [na imagem vê-se um percevejo!].». Os ungulados não estão estreitamente aparentados com os insetos, obviamente, mas sim com os insetívoros ou eulipótiflos (e também com os carnívoros, quirópteros e folídotos, para formarem os Laurasiatérios). Este é um dos erros de tradução mais escandalosos que já temos registado na qualidade de estudiosos da tradução especializada, e trata-se, a julgarmos pela imagem que o documentário aqui mostra, de um erro de tradução consistente na falta de correção no texto de chegada de uma deficiência factual presente no texto de partida, deficiência, esta, por sinal, adscritível à categoria que Schmitt denomina *defeitos absurdos*!

Como **conclusão** do presente artigo, cabe recomendarmos aos tradutores para português de documentários faunísticos (ou da natureza) que se informem sobre as normas básicas de procedimento próprias da *tradução comunicativa*, e que, portanto, estejam prontos a efetuar no seu texto de chegada as necessárias adaptações naturalizadoras de discordâncias interculturais, bem como a corrigir no seu texto de chegada eventuais deficiências formais ou factuais presentes no texto de partida. Para este último aspeto, o tradutor — sobretudo se não for especialista na matéria abordada no documentário e se não houver revisão científica da tradução — deverá documentar-se suficientemente, documentação que, em todo o caso, dada a sua relevância para o género, como aqui vimos, terá de abranger, no mínimo, os fundamentos da zoonímia (denominações científicas, paracientíficas e vernáculas) e as noções básicas de morfologia animal.

cgarrido@uvigo.gal

⁽¹⁾ Garrido, C., Riera, C., *Manual de Galego Científico*, 2.ª ed. rev. e aum., Através, 2011, ISBN 978-84-87305-42-9.

⁽²⁾ Garrido, C., *A Tradução do Ensino e Divulgação da Ciência*, Serviço de Publicações da Universidade de Vigo, 2016, ISBN 978-84-8158-713-5.

⁽³⁾ Garrido, C., *Tradução Comentada de Textos Didáticos e Divulgadores: Um Modelo Orientativo para o Tradutor em Formação*, Serviço de Publicações da Universidade de Vigo, 2024, ISBN 978-84-8158-985-6.

(4) Garrido, C., *Dicionário de Zoologia e Sistemática dos Invertebrados: Português, Espanhol, Inglês, Alemão*, Ed. Universidade de São Paulo, 2019, ISBN 978-85-314-1694-1.

(5) Garrido, C., «Análise de problemas e inadequações da zoonímia portuguesa utilizada na tradução de duas enciclopédias divulgadoras sobre fauna», *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, do Liceu Literário Português do Rio de Janeiro, n.º 63, julho-dezembro de 2022, pág. 77-126, <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/593>.

(6) Garrido, C., «La traducción, hermana pobre de los documentales de la naturaleza en España. Registro y análisis de las inadecuaciones traductivas presentes en la versión castellana de *Life*, de la BBC», *Quaderns: Revista de Traducció*, n.º 20, 2013, pág. 211-233, <https://raco.cat/index.php/QuadernsTraduccio/article/view/265462>.

(7) Cf. Garrido, C., *op. cit.*, 2016, pág. 107-121; *id.*, *op. cit.*, 2024, pág. 12-20.

(8) Cf. Garrido, C., *op. cit.*, 2022, pág. 78-79.

(9) Cf. Garrido, C., «Análise do tratamento lexicográfico dos táxones zoológicos nos dicionários gerais de referência das línguas portuguesa e espanhola», *Revista de Lexicografia*, vol. 18, 2012, pág. 39-76, <https://ruc.udc.es/dspace/handle/2183/12131>.

(10) «Acerca do emprego de maiúsculas e minúsculas iniciais com os nomes paracientíficos designativos de táxones supragenéricos, podem seguir-se as seguintes convenções», postuladas por Garrido, C., *op. cit.*, 2012, pág. 51:

«a) As denominações paracientíficas usadas *em singular* escrevem-se sempre com minúscula inicial (exceto, claro é, quando as normas ortográficas gerais dispuserem o contrário). Exemplos: «Encontrou um *arionídeo* na armadilha» (família Arionidae → *Arionídeos*), «O *estrigiforme* capturou um ratinho» (ordem Strigiformes → *Estrigiformes*);

b) As denominações paracientíficas usadas *em plural* escrevem-se com maiúscula inicial quando se referem ao grupo taxonómico enquanto tal, e com minúscula inicial (respeitando as convenções ortográficas gerais) quando se referem, não a um coletivo, mas a cada um dos organismos nele compreendidos. Exemplos: «A família *Arionídeos* apresenta dois géneros ibéricos», «Os *arionídeos* encontrados na armadilha vivem no húmus», «O mocho pertence aos *Estrigiformes*», «Os *estrigiformes* caracterizam-se pela visão escotópica» (neste último exemplo também seria válida a grafia *Estrigiformes*, no sentido que se refere a seguir: 'os [animais compreendidos na ordem] Estrigiformes caracterizam-se pela visão escotópica'.»

(11) Cf. Garrido, C., *op. cit.*, 2022, pág. 86-93; cf. Garrido, C., «Elementos para um adequado tratamento lexicográfico da variação diatópica da designação de grupos de organismos». *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, n.º 50, 1.º semestre de 2016, pág. 65-106, <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/84>.

(12) Como feliz exceção, em E01:49:31: *cotton-top tamarin* 'macaco da sp. *Saguinus oedipus*' > *sagui-cabeça-de-algodão*.

(13) Cf. Von Ihering, R., *Dicionário dos Animais do Brasil*, 2.ª ed. rev. por Wilches Monsorens, D., Bertrand Brasil/Difel, Rio de Janeiro, 2002, ISBN 85-7432-033-1, pág. 106.

(14) Cf. Von Ihering, *op. cit.* 2002, pág. 312-313, pág. 332-333.

(15) Cf. Von Ihering, *op. cit.* 2002, pág. 312.

(16) Cf. Von Ihering, *op. cit.* 2002, pág. 232-234.

(17) Cf. Von Ihering, *op. cit.* 2002, pág. 279.

(18) A denominação brasileira sinónima, *gato-do-mato*, não é funcional em Portugal, além de se revelar polissémica. Cf. *s.v.* "gato-do-mato^{1.1}", *Dicionário Houaiss*.

(19) *Wikipédia*, «Libélula», <https://pt.wikipedia.org/wiki/Libélula>.

(20) Silva Farias, A. B. *et al.*, «Lista preliminar e novos registros de Libélulas e Donzelinhas (Insecta: Odonata) para o Sul do estado de Alagoas, Brasil», *Hetaerina: Boletín de la Sociedad de Odonatología Latinoamericana*, vol. 5, n.º 1, janeiro-junho de 2023, pág. 17-26, <https://drive.google.com/file/d/1HkqUUoIJ2FYRPZvSPiDSDrCqKYnBWOJY/view>.

(21) Burnie, D. *et al.*, *Grande Enciclopédia Animal*, Trad. de *Animal*, 2001, Gomes, S. (trad.), Machado, F. (rev. técnica), Dorling Kindersley/Civilização Editores, Porto, 2002, ISBN 989-550-011-4.

(22) Tait, N. *et al.*, *Enciclopédia dos Animais — Répteis, Anfíbios e Invertebrados: Um Guia Visual Completo*, trad. de *The Encyclopedia of Reptiles, Amphibians & Invertebrates: A Complete Visual Guide*, 2005, Gomes, S. (trad.), Machado, F. (rev. técnica), Círculo de Leitores, Mem Martins, 2007, ISBN 978-972-42-4130-2.

(23) *Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa*, Porto Editora, Porto, <https://www.infopedia.pt>.

(24) Cf. Burnie *et al.*, *op. cit.* 2002, pág. 570; Tait, Vogt *et al.*, *op. cit.* 2007, pág. 182.

(25) No presente artigo, utilizaremos, quando for pertinente de acordo com as regras ortográficas gerais, maiúsculas iniciais no interior das denominações vernáculas portuguesas de grupos de organismos (como, aqui, *mariposa-Atlas*), em contraste com o hábito até agora dominante de substituir tais maiúsculas por minúsculas (ex.: *cobra-capelo-do-Egito* [em vez de *cobra-capelo-do-egito*], *diamante-de-Gould* [em vez de *diamante-de-gould*], *foca-de-Weddell* [em vez de *foca-de-weddell*], *louva-a-Deus* [em vez de *louva-a-deus*]).

A este respeito, reproduzimos a seguir a explicação oferecida em Garrido, C., *op. cit.* 2022, pág. 94-95 (nota de rodapé n.º 7): «Com este alvitre de *ortografia técnica* (autónoma a respeito das normas ortográficas gerais da língua), aspiramos a eliminar, nesse capítulo, as incoerências gráficas que muitos textos de biologia mostram, tornando constante o uso do hífen entre as palavras componentes de tais denominações, aspeto gráfico, este sim, exigido pelas normas ortográficas gerais (v. alínea 3.ª da base XV do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990*): assim, p. ex., em *A Fauna*, as denominações vernáculas que incluem nome próprio surgem, irregularmente, sem hífenes entre as palavras componentes (*rinoceronte de Java*, *rinoceronte de Merck*, *rinoceronte de Samatra*, etc., frente a *rinoceronte-branco*, *rinoceronte-indiano*, etc.), o mesmo acontecendo na *Grande Enciclopédia Animal* (v., entre outras, p. 229-230). No entanto, são as duas razões seguintes que principalmente nos movem a adotarmos o referido uso gráfico. Em primeiro lugar, o uso de maiúscula inicial nos nomes próprios integrados em denominações vernáculas pluriverbais de grupos de organismos revela-se solução coerente, já que as palavras unidas por hífen mantêm a sua integridade no relativo ao emprego de maiúscula inicial noutras categorias de compostos: *el-Rei* (como título), e não **el-rei*; *Grã-Bretanha*, e não **Grã-bretanha*; *Pré-Helenos*, e não **Pré-helenos*; *Pré-História* (como denominação de disciplina), e não **Pré-história*; *Vice-Presidente* (como título, não como denominação genérica), e não **Vice-presidente*; *Vice-Rei* (como título, não como denominação genérica), e não **Vice-rei* (o vocábulo *água-de-colónia* não constitui aqui contraexemplo, porquanto o componente *colónia* ficou lexicalizado). Além do mais, o uso de maiúscula inicial nos nomes próprios integrados em denominações vernáculas pluriverbais de grupos de organismos representa a solução gráfica mais clara,

a qual, nalguns casos, pode servir para desfazer ambiguidades e equívocos: *dik-dik-de-Kirk* (*Madoqua kirkii*), melhor do que *dik-dik-de-kirk*, por clareza na identificação dos componentes; *chama-maré-de-Festa* ou *caranguejo-violinista-de-Festa* (*Leptuca festae* = *Uca festae*), melhor do que *chama-maré-de-festa*, pois o epíteto específico deriva do nome do naturalista italiano Enrico Festa, e não da palavra comum *feira*; (*corvina*-) *rainha-de-Camarões*, peixe (da família Cienídeos) *Pseudolithus moorii* (= ingl. *Cameroon croaker*), melhor do que (*corvina*-) *rainha-de-camarões*, pois trata-se do país Camarões, e não dos crustáceos decápodes nadadores; *lebre-do-Cabo* (*Lepus capensis*), melhor do que *lebre-do-cabo*, pois trata-se do Cabo da Boa Esperança, e não, p. ex., de um cabo condutor ou de qualquer cabo geográfico; *monstro-de-Gila*, melhor do que *monstro-de-gila*, pois trata-se do rio Gila (Arizona, EUA), não de *gila* ‘cucurbitácea’; *pombo-da-Madeira* (*Columba trocaz*), melhor do que *pombo-da-madeira*, pois trata-se de uma espécie de pombo endémica do arquipélago da Madeira, não de um pombo relacionado com o material madeira [(tb. *barata-da-Madeira* ‘barata da sp. *Rhyparobia maderae* = *Leucophaea maderae*’ [= *barata-cascuda*; < ingl. *Madeira cockroach*] ≠ *barata-da-madeira* ‘barata do gén. *Cryptocercus*’ [< ingl. *wood cockroach*])]; *tigre-de-Bengala* (*Panthera tigris tigris*), melhor do que *tigre-de-bengala*, pois trata-se de Bengala, e não de um bastão. De resto, embora este alvitre gráfico ainda esteja pouco estendido, nós não somos os primeiros estudiosos a aplicá-lo: entre os textos zoológicos recentemente publicados em Portugal, vemo-lo aplicado, ocasionalmente, na *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura Verbo — Século XXI*, nos artigos de tema zoológico de Fernando Frade (ex.: s.v. “zebra”: *zebra de Grévy*, mas tb. *zebra-de-Burchell*, *zebra-de-Chapman*, *zebra-de-Hartmann*, *zebra-de-Selous*) e no guia *Mamíferos de Portugal e Europa (Guia Fapas)* (Macdonald e Barrett, 1999; ex.: *morcego-de-Bechstein* [*Myotis bechsteinii*, p. 63], *morcego-de-Kuhl* [*Pipistrellus kuhlii*, p. 67], *morcego-de-Nathalina* [*Myotis nathalinae*, p. 63], *morcego-de-Savi* [*Hypsugo savii*, p. 67]), e, já de forma constante, sistemática, no guia *Anfíbios e Répteis de Portugal (Guia Fapas)* (Ferrand de Almeida et al., 2001), obra composta originalmente em português por biólogos portugueses (*lagartixa-da-Madeira* [*Lacerta dugesii*, p. 196], *lagartixa-de-Bocage* [*Podarcis bocagei*, p. 142], *lagartixa-de-Carbonell* [*Podarcis carbonelli*, p. 144], *osga-das-Selvagens* [*Tarentola bischoffi*, p. 195], *tartaruga-da-Flórida* [*Trachemys scripta*, p. 198], *tartaruga-de-Kemp* [*Lepidochelys kempii*, p. 191], *víbora-de-Seoane* [*Vipera seoanei*, p. 183]).»

⁽²⁶⁾ Cf. Garrido, C., *op. cit.* 2022, pág. 107-108.

P. ex., em Tait, Vogt et al., *op. cit.* 2007, pág. 75, verte-se ingl. *ringed water cobra* ‘ofídio elapídeo da sp. *Naja annulata* (= *Boulengerina annulata*)’ como **cobra-de-água-anelada*, solução inadequada, já que o componente genérico é enganador e falsamente dá a entender que este elapídeo, venenoso, estaria proximalmente relacionado, p. ex., com as cobras-de-água europeias, colubrídeos não venenosos do gén. *Natrix* (*cobra-de-água-de-colar*, *cobra-de-água-viperina*, etc.); aqui, soluções corretas teriam sido *cobra-capelo-aquática-anelada* ou *naja-aquática-anelada*.

⁽²⁷⁾ Assim define *macaque*, p. ex., o *Collins English Dictionary*: «Any of various Old World monkeys of the genus *Macaca*, inhabiting wooded or rocky regions of Asia and Africa. Typically the tail is short or absent and cheek pouches are present», mas, na realidade, há espécies do género *Macaca* que têm cauda longa e, de facto, todos os cercopitécneos, e não apenas os do género *Macaca*, possuem bolsas faciais.

⁽²⁸⁾ Cf. Garrido, C., *op. cit.* 2022, pág. 97 (nota de rodapé n.º 9).

⁽²⁹⁾ Cf. Garrido, C., «A equivalência em espanhol e em português do vocábulo inglês *ape*, com uma reflexão sobre a incompetência de certos tradutores e lexicógrafos e o dececionante dicionário da RAE», *Panacea@: Revista de Medicina, Lenguaje y Traducción*, vol. XX, n.º 49, 1.º semestre de 2019, pág. 103-116.

https://www.tremedica.org/wp-content/uploads/panacea19-49_11_Tribuna_Garrido.pdf.

⁽³⁰⁾ Cf. Garrido, C., *op. cit.* 2019, pág. 103-107.

⁽³¹⁾ Entre as propostas nomenclaturais para designar em português (de Portugal) todas as espécies de aves do mundo, salienta-se, pela sua qualidade e difusão, a do ornitólogo e tradutor Paulo Paixão, publicada pela primeira vez no boletim «a folha», n.º 66 — verão de 2021, Separata n.º 1, e, desde então, periodicamente atualizada: Paixão, P., *Os Nomes Portugueses das Aves de Todo o Mundo: Projeto de Nomenclatura*, <http://pdpaixao.blogspot.com/p/os-nomes-portugueses-das-aves-do-mundo.html>.

A seguir resenhamos outras espécies de pinguins que surgem no documentário com denominações vernáculas portuguesas diferentes das propostas na lista nomenclatural de Paixão:

- E02:10:35: *pinguim-azul* ou *pinguim-fada* ‘pinguim da sp. *Eudyptula minor*’ (< ingl. *blue penguin*, *fairy penguin*), por *pinguim-anão* [< ingl. *little penguin*].
- E02:12:54: *pinguim-saltador* ‘pinguins das spp. *Eudyptes moseleyi* + *E. chrysocome*’ (< ingl. *rockhopper penguin*), por, respet., *pinguim-de-penacho-setentrional* (< ingl. *northern rockhopper penguin*) + *pinguim-de-penacho-meridional* (< ingl. *southern rockhopper penguin*).
- E02:13:53: *pinguim-de-face-manchada* ‘pinguim da sp. *Pygoscelis antarcticus*’ (< ingl. *chinstrap penguin*, *bearded penguin*), por *pinguim-de-barbicha*.

⁽³²⁾ «The specific name *papua* is a misnomer; in the original description, Johann Reinhold Forster, a naturalist who had circumnavigated the world with Captain James Cook, mistakenly assumed that the species occurred in Papua (New Guinea), the closest gentoos being over 6000 km to the south (on Macquarie Island). No penguins are found in New Guinea. Others trace the error to a “possibly fraudulent claim” in 1776 by French naturalist Pierre Sonnerat, who also alleged a Papuan location for the king penguin despite never having been to the island himself.», *Wikipedia*, «Gentoo penguin», https://en.wikipedia.org/wiki/Gentoo_penguin.

⁽³³⁾ No *Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa* da Porto Editora, em vez de *opóssum*, surge a grafia irregular **opossu* (sem itálico, com a indicação de pronúncia grave e com indicação de plural *opossuns*): cf. *fórum*, nesse mesmo dicionário. Como primeira aceção de *opossu*, surge ‘gambá, sarigueia’, e como segunda, ‘gambá-norte-americano’, mas os verbetes de lema “gambá” e “sarigueia” não remetem para “opossu” e, aliás, com o componente *opossu*, nesse dicionário apenas surge o verbete “opossu-da-virgínia”. O mais conveniente seria prescindirmos por completo em português do anglicismo *opóssum* ‘gambá(-norte-americano)’, totalmente desnecessário (mas *póssum*, como indicado acima, sim é necessário).

⁽³⁴⁾ Cf. Garrido, C., *op. cit.* 2019, s.v. “siba”.

⁽³⁵⁾ Cf. Garrido, C., *op. cit.* 2019, s.v. “gládio”.

⁽³⁶⁾ «Até o século XVI tubarões eram conhecidos por marinheiros como “cães marinhos”. A palavra portuguesa “tubarão” e o termo espanhol *tiburón* são bastante similares e em ambas as línguas a etimologia é incerta. Durante o século XVI, em decorrência das navegações dos espanhóis e portugueses por águas tropicais, muitos relatos sobre a diversidade e quantidade desses peixes popularizaram os dois termos na Península Ibérica e posteriormente, o termo *tiburón* também foi usado, sem tradução, em livros em francês, alemão e inglês. Não se sabe ao certo se foram os espanhóis que tomaram uma palavra caraíba e cunharam o termo *tiburón* ou se foram os portugueses que criaram *tubarão* a partir de uma palavra do aruaque. Outras fontes apontam a origem tupi-guarani através do termo *uperú* (ou *iperú*) com a aglutinação de t- inicial, originando o português “tubarão” e posteriormente o espanhol *tiburón*.», *Wikipédia*, «Tubarão», <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tubarão>.

⁽³⁷⁾ «Der Übersetzer sollte generell genügend textspezifische Fachkenntnis mitbringen, um keine absurden AT-Defekte mit in die Übersetzung einzubauen.», Schmitt, P. A., *Translation und Technik*, Stauffenburg, Tubinga, 1999, pág. 104).



Em frente ao espelho — dois sonetos

Harrie Lemmens
Tradutor e escritor

Tirade tegen vertalers (geschreven voor de spiegel)

‘O God, wat ben je toch een leugenbrok!
Ja jij, en al je mede-zwendelaars!
Je kleurt wat rood of geel is pimpelpaars
en slaat het metrum met de knoestenstok

van jouw idee aan stukken. Broddelaars!
Verzinnen wat er staat, mijn hemel, *fock it man!*
Een meesterwerk verknallen, nok
toch af, ga fietsen, steek maar in je aars

die stok van jouw geklooi, het lukt je niet
om weer te geven in je eigen taal
wat ik je luisterrijk te lezen bied

in die van mij, en weet je wat? Ik baal
van je gepruts, gesukkel zonder *beat*,
hou op, ga niet meer met me aan de haal!’

Tirade tegen schrijvers (*the mirror strikes back*)

En jij dan? Een verwende apenkop
zoals je ijdeltuitend voor me staat!
Mijn God, besef dat wie geen marge laat
voor inventiviteit verdwijnt in het sop

van clichématig taalgebruik, een flop
voor wie de creativiteit als maat
neemt voor het schrijven. Nee, een daad
van moed is nodig, reiken naar de top!

Tirada contra os tradutores (escrita em frente ao espelho)

Meu Deus, como tu és mentiroso!
Sim, tu, e os teus colegas traidores!
Mudais tudo num poema, até as cores
e estragais o ritmo fixo e fabuloso

com o vosso malabarismo. Amadores!
‘Inventar o que já lá está,’ dizes, maljeitoso,
fock it man!, matar um texto primoroso!
Vai para o diabo com as tuas flores

malcheirosas, nunca na tua vida
poderás transpor para o teu idioma
a minha obra tão bem exprimida.

E sabes uma coisa? Estou farto
das tuas besteiras, ouviste! E toma
nota, nem leio, logo descarto.

(...|...)

Tirada contra escritores (*the mirror strikes back*)

Ora essa! E tu? Um menino mimado
como te vejo à minha frente!
Em vez de ficares feliz e contente
com a criatividade, a pões de lado

e gritas: ‘Que atrevimento impertinente!’
Meu Deus, que alarmante, esse brado!
E que disparate! Esqueces, querido coitado,
que a criatividade atraí mais gente.

Gepruts, zeg jij, gesukkel? Ga toch gauw,
je hebt ons nodig, bent niets zonder ons
wanneer je meer wil dan je achtertuin.

Nee echt, je bakt het nu wel erg bruin,
met dat gescheld van jou. Wees stil, ontfrons,
denk even na: het draait toch steeds om jou!

Besteira, clamas, descartar! Vai falar
com Camões! Precisas de nós, bem sabes
disso, se quiseres um dia alargar

o teu público: trata tu do teu país,
nós tratamos do mundo, mas não brigues:
afinal sabemos que tu e só tu és a raiz!

Textos escritos e traduzidos por Harrie Lemmens: «Um duelo entre escritor e tradutor que coabitam no meu peito. Tal como as duas almas do Fausto de Goethe.»

Os sonetos foram lidos em voz alta pelo próprio autor-tradutor no festival *Correntes d'Escritas*, na Póvoa de Varzim, 17 a 26 de fevereiro de 2024.

harrielemmens@harrielemmens.nl



O Príncipezinho em barranquenho — um concurso de circunstâncias feliz

Ana Lorenzo Garrido
Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

A Direção-Geral da Tradução da Comissão Europeia tem um tradutor do seu quadro destacado em cada um dos Estados-Membros da União Europeia. A função destes gabinetes locais da Direção-Geral da Tradução — que estão integrados nas Representações da Comissão Europeia em cada Estado-Membro — é, por um lado, dar apoio linguístico à respetiva Representação e, por outro lado, divulgar as atividades da Direção-Geral e da Comissão, organizar eventos e conferências sobre línguas e tradução, promover o multilinguismo, a aprendizagem de línguas e a profissão de tradutor.

Em 2014, estes tradutores destacados em 26 Estados-Membros (todos exceto Bélgica e Luxemburgo) decidiram empenhar-se num projeto comum. Decidiram coligir coleções de livros infantis que se encontrassem traduzidos em todas as línguas oficiais da União Europeia. Nesse ano, e porque as Presidências semestrais da União Europeia foram ocupadas pela Grécia e por Itália, a obra escolhida foi *A Odisseia* de Homero, em versão infantil.

O projeto manteve-se ao longo dos anos e em 2024 será constituída a 11.^a coleção com livros do Astérix depois de *Capuchinho Vermelho* (2015), *O Príncipezinho* (2016), *Pipi das Meias Altas* (2017), *Pinóquio* (2018), *Alice no País das Maravilhas* (2019), *Peter Pan* (2020), *Harry Potter* (2021), *Dom Quixote* (2022), contos tradicionais europeus (2023).

Estas exposições circulam permanentemente pela Europa, tendo muitas delas aumentado significativamente o número de versões linguísticas disponíveis (não é raro encontrar as versões traduzidas para árabe, chinês, japonês, ou ainda dialeto vienense ou *cockney*). Por exemplo, a exposição de *O Príncipezinho* conta agora com 45 versões linguísticas e a do *Pinóquio* tem também cerca de 40 versões.

Em 2021, por ocasião do Dia Europeu das Línguas, a representante da Direção-Geral da Tradução em Portugal decidiu organizar um seminário dedicado às escolas em que fossem apresentadas várias línguas. Sob o título «Línguas próximas e distantes», os alunos tiveram direito a miniaulas de árabe, italiano, romeno, xironga, galego e mirandês, entre outras.

As aulas de galego e mirandês foram das mais bem-sucedidas e, para o Dia Europeu das Línguas de 2022, o seminário foi completamente dedicado às línguas de fronteira entre Espanha e Portugal, acrescentando-se a estas duas línguas o barranquenho e a fala do vale de Xálima.

Nesse ano, a exposição de «O Príncipezinho» encontrava-se em Portugal para as celebrações do Dia Europeu das Línguas em Coimbra.



Por sugestão de um antigo colega, colecionador de *O Príncipezinho*, um dos elementos do seminário para as escolas foi a leitura dos três primeiros capítulos da obra em todas as línguas de fronteira e ainda em português e espanhol, assim como da frase emblemática «só se vê bem com o coração, o essencial é invisível para os olhos». Os vídeos estão disponíveis na Internet⁽¹⁾.

Nessa ocasião, constatou-se que o barranquenho era a única língua para a qual não havia ainda uma tradução de *O Príncipezinho*, tendo sido pedida ao Professor Victor Correia a tradução das partes da obra necessárias para a gravação dos mencionados vídeos por alunos de Barrancos.

Posteriormente, a Representação da Comissão Europeia decidiu patrocinar a edição da obra em língua barranquenha, dada a relevância do livro e o facto de ser a obra literária de ficção mais traduzida no mundo. Acredita-se que este lançamento contribuirá significativamente para a consolidação da língua barranquenha. Assim, em 2024, com *U Príncipezinhu*, será possível preencher a lacuna na fotografia:



ana.lorenzo-garrido@ec.europa.eu

⁽¹⁾ Youtube, *Dia Europeu das Línguas: "O Príncipezinho"* - frase emblemática, EuropaConsigo, <https://www.youtube.com/watch?v=oGAOMXKEPO0>, e Youtube, *Dia Europeu das Línguas: "O Príncipezinho"*, EuropaConsigo, https://www.youtube.com/watch?v=vOAD_47131c&t=291s.

Acentos, para quê?!

Jorge Madeira Mendes

Antigo funcionário da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

Ouch it falls on me. In the parents there was a drinks who, staring at a filthy dirty, did coconut. And it only asked what may they tell the I indict in its enjoin. It gets sorted had eaten a stretcher. I rendered its nursemaid, residing in Macao, a town in the centre of Portugal...»

O texto *supra*, incoerente porém identificável como «inglês», resulta da aberrante tradução literal do não menos aberrante texto português que se segue:

Aí cai em mim. No país havia um bebe que, a olhar para um cagado, fez coco. E so perguntava o que contem o indício no seu intimo. Amanha comera uma maca. Entreguei a ama dele, residente em Macao, uma vila do centro de Portugal...

E este último resulta da supressão dos acentos gráficos do seguinte (pouco coerente em termos de conteúdo, porém gramaticalmente lógico):

Aí caí em mim. No país havia um bebé que, a olhar para um cágado, fez cocó. E só perguntava o que contém o indício no seu íntimo. Amanhã comerá uma maçã. Entreguei à ama dele, residente em Mação, uma vila do centro de Portugal...

Alguns dos que me leem terão já ouvido falar no *Quora*⁽¹⁾, um sítio internet de perguntas e respostas, fundado há dezena e meia de anos na Califórnia, com atividade em vinte e quatro idiomas, incluindo o português⁽²⁾, e que serve para qualquer utente pedir o esclarecimento de dúvidas, independentemente do domínio. Na medida dos seus conhecimentos, qualquer outro utente do sítio pode voluntariamente esclarecer essas dúvidas e comentar as respostas que outros deem (ou as próprias perguntas).

A título ilustrativo, eis algumas perguntas, retiradas aleatoriamente de diversas versões linguísticas do sítio: «*Como Darwin revolucionou o mundo?*», «*¿Se sienten los rumanos culturalmente más identificados con los países de habla eslava o con los países de lenguas romances?*», «*Pourquoi le mélange d'orange et de carottes peut-il entraîner la mort?*», «*Are there times in life where atheists think to themselves, 'maybe there is a God somewhere'?*», «*Qual è la tua lingua straniera preferita?*», «*Welche Sprache ist schwieriger: Deutsch oder Spanisch?*», «*Waarom is Rusland anti-EU?*»...

E estas outras, relacionadas com Portugal e a língua portuguesa: «*Como é ser negro em Portugal?*», «*A razão pela qual o "vós" em Portugal caiu em desuso deve-se à popularização do português brasileiro?*», «*Os brasileiros gostariam de se voltar a unir com Portugal?*», «*¿Por qué Brasil y Portugal no se llevan tan bien como Argentina y España?*», «*¿Apoyarías un referéndum que propusiera la unión de España y Portugal?*», «*Pourquoi le portugais du Portugal et celui du Brésil sont-ils si différents?*», «*Pourquoi au fil du temps, l'Espagne n'a-t-elle jamais annexé le Portugal ou tenté de le faire?*», «*Why do they speak Portuguese in Portugal?*», «*Why does Portugal speak Portuguese, a Brazilian language, rather than some European language?*», «*Why does the Spanish spoken in Brazil sound so different from the Spanish language spoken in neighboring countries?*» (estas duas, para mim, bateram recordes do cair de queixos)...

Mas avancemos para o que aqui me traz. Uma das perguntas, no *Quora* de língua inglesa e igualmente relativa a Portugal, incidiu nos acentos: «*Could the Portuguese language work without accents in its writing?*» E não deixou de haver voluntários, identificados como portugueses, que se apressaram a responder que sim, claro que sim, os acentos são perfeitamente dispensáveis... Ao que eu, em comentário irónico, retorqui que é indiferente usar acentos em português para quem não se importar de confundir um bebé com uma forma do verbo «beber», um caís com a segunda pessoa do plural do

presente do indicativo do verbo «cair», cocos e cágados com dejetos, o país com os progenitores, uma maçã com uma cama de rodas para transportar doentes ou feridos...

Assim nasceu a frase mirabolante com cuja absurda tradução para inglês iniciei esta prosa.

Mas é inegável que a acentuação das palavras em português está em crise. Por exemplo, tornou-se epidémica a aversão ao acento no *i*. Ora, «ai cai» não é o mesmo que «aí caí», «país» não é o mesmo que «pais», «cais» não é o mesmo que «(vós) caís», «início» não é o mesmo que «(eu) inicio», «solicito» não é o mesmo que «(eu) solicito», «íntima» não é o mesmo que «(ele) intima».

Depois, acontece o fenómeno inverso, talvez por tendência para a hipercorreção: já me deparei com um cartaz sobre atividades de canoagem com partida de um «caís» fluvial. Por outro lado, se há um aparente boicote ao acento no *i* quando ele é necessário («língua», «distribuído»), também ocorre o contrário: quem não viu já «proíbição»?

Curiosamente, o fenómeno da hipercorreção verifica-se sobretudo com a vogal final *u*: «cajú», «tabú»; e raro é o restaurante português que, no seu «menú», não inclua bife de «perú». Verifica-se até com monossílabos onde ainda é mais evidente a sua redundância: «crú», «nú»⁽³⁾.

Estes erros devem-se a um ensino deficiente da lógica da acentuação, problema arrastado talvez desde os anos mais precoces da escolaridade. O facto é que os acentos indicam graficamente o valor fonético das letras representativas dos sons vocálicos. O acento agudo indica que, em palavras monossilábicas, as letras *a*, *e* ou *o* devem pronunciar-se abertamente («lá», «pá», «mé», «pé», «-ló», «mó», «pó»), de contrário deveriam soar surdamente («a», «da», «lha», «ma», «ta», «de», «lhe», «me», «que», «se», «te», «do», «lho», «mo», «o», «por», «to»⁽⁴⁾) e que, em palavras polissilábicas, as letras *a*, *e*, *i*, *o* ou *u* representam vogais tónicas, ou seja, vogais sobre as quais recai a acentuação fonética («anát^otema», «péssimo», «hídrico», «fólico», «última»). Por sua vez, o acento circunflexo indica que, em palavras monossilábicas, as letras *e* ou *o* devem pronunciar-se cerradamente («crê», «dê», «mês», «quê», «três», «vês», «pôr», «pôs») e que, em palavras polissilábicas, as letras *a*, *e* ou *o* representam vogais nasais tónicas, ou seja, vogais nasais sobre as quais recai a acentuação fonética («ânimo», «parêntesis», «ôntico»).

Se se tiver em mente esta lógica, não se cometerão erros como «pézinho», «Zézinho», «sómente», «sózinha», «avôzinho»: estas palavras derivam dos monossílabos «pé», «Zé» e «só» e do dissílabo «avô». Nestes monossílabos e no dissílabo, a acentuação gráfica justifica-se com base no atrás exposto; porém, ao lhes serem acrescentados sufixos («-zinho» ou «-mente»), tornam-se polissílabos nos quais a tónica se desloca para a primeira sílaba do sufixo («-zi-» ou «-men-»); e, se se mantivesse o acento gráfico na mesma letra que no étimo monossilábico ou dissilábico, a fonética ficaria adulterada (as palavras finais tornar-se-iam esdrúxulas). É também o caso do erro «proívido», por provável influência das palavras «proíbo (eu)», «proíbes (tu)», «proíbe (ele)»: a derivação implicou também uma deriva da tónica, tornando grave a palavra final — «proibído» (e, nesta, a representação gráfica do acento é dispensada pelas regras da ortografia portuguesa).

Cabe, por outro lado, referir o paradoxo da palavra «arguido», que se deve pronunciar /argwido/ quando a sua grafia remeteria, mais logicamente, para a pronúncia /arghido/ (ou seja, para a supressão da semivogal *u*, mantendo a guturalização da consoante *g*). A grafia oficial «arguido» resultou da supressão do trema (outrora, escrevia-se «argüido»). Ora, não sendo crível a ressurreição do trema, do mesmo modo que escrevemos «atribuído», «constituído», «construído», «destituído», «substituído» e outros participios passados de verbos terminados em «-uir» — com acento agudo na vogal *i*, o que desfaz o eventual ditongo «-ui-» —, teria justificação escrevermos «arguído». O paradoxo ficaria reduzido ao infinitivo do verbo, «arguir», e ao substantivo com ele relacionado, «arguente», palavras nas quais a pronúncia da vogal *u* a seguir à consoante gutural *g* foi convencionalizada com carácter de exceção, porquanto não há correspondência entre a ortografia e a fonética (outrora grafavam-se «argüir» e «argüente»).

Até à pequena reforma ortográfica de inícios da década de 1970, existia o acento grave, destinado a indicar quando as letras *a*, *e*, *i*, *o* ou *u* representavam vogais anteriormente tónicas que, em consequência de uma derivação do étimo, se tinham tornado subtónicas (e que, no caso de *a*, *e* ou *o*, deveriam ser abertas): «praticamente», «pèzinho», «intimamente», «sòzinho», «unicamente». Contudo, o acento grave quase desapareceu, restrito às palavras «à» e «às» (contração da preposição «a» com o artigo definido feminino «a», no singular, ou «as», no plural). Portanto, quando uma palavra marcada graficamente com acento agudo ou circunflexo deriva por sufixação, com deslocação da tónica, o anterior acento simplesmente não se representa («prático, praticamente», «Zé, Zezinho», «mínimo, minimamente», «pós, pozinhos», «último, ultimamente»).

Note-se, contudo, que o acento grave era bastante útil para assinalar a abertura de vogais que, não sendo tónicas, nem por isso deveriam permanecer fechadas. É o caso de «inclusivê», palavra grave (tónica na vogal *i*, situada na penúltima sílaba) mas cuja vogal final *e* tem pronúncia aberta: esta palavra poderia ser grafada como «inclusivè».

E é também o caso do tradicional aportuguesamento de alguns topónimos moçambicanos — (Alto) Molócuê, Gúruê, Chócuê, Zóbuê, Ulôngoê, Cóbuê — e de dois vestígios arqueológicos da história pré-europeia da África Austral, situados em países vizinhos — as ruínas do Zimbábue e de Mapungúbue. Nestas palavras, a vogal tónica é a assinalada com acento agudo ou com acento circunflexo, que, por se situar na antepenúltima sílaba, torna a palavra esdrúxula (ou proparoxítone); mas a vogal *e* final, apesar de não ser a tónica, é aberta, o que, acertadamente, se assinalava com o acento grave. Na prática, restringir este diacrítico a duas palavras (os já citados monossílabos «à» e «às») equivaleu a suprimi-lo. Consequentemente, aqueles topónimos passaram a escrever-se de um modo que nem sempre reproduz com fidelidade a fonética. «Zimbábue» aparece escrito ora como «Zimbábue» (o que não indica a abertura do *e* final), ora como «Zimbabué» (o que, erroneamente, torna a palavra aguda), ora até como «Zimbábwe» ou «Zimbabwe» (contrariando as regras do aportuguesamento). Noutros casos, a palavra antes assinalada corretamente como esdrúxula passou a ser escrita como aguda: «Gurué», «Chocué», «Molocué»... E as grafias adotadas em Moçambique — «Chokwe», «Ulongwe», «Cobwe» — afastaram-se do padrão ortográfico português. Tudo isto em consequência da supressão do acento grave, que não foi uma medida avisada.

Por isso, a resposta (categórica) a uma pergunta como aquela do *Quora* é: os acentos não são mero capricho de gramáticos — são, sim, uma precisão indispensável. Permitem distinguir graficamente palavras de fonética diferente e cujo significado difere também.

jorge.mendes909@gmail.com

⁽¹⁾ Quora, <https://www.quora.com/>.

⁽²⁾ Todas as línguas nacionais da Europa Ocidental e ainda árabe, bengáli, canarim, guzerate, hebraico, híndi, indonésio, japonês, malabar, marata, tâmil e telugo.

⁽³⁾ Grafias corretas: «língua», «distribuído», «proibição», «caju», «tabu», «menu», «peru», «cru», «nu».

⁽⁴⁾ Por exemplo, na frase «da forma de mo dizeres ou do modo por que to transmito para o compreenderem se lho mostrares».



Tendências da língua portuguesa: as inócuas e as iníquas (X)

Jorge Madeira Mendes

Antigo funcionário da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

Quem acompanhar os órgãos portugueses de informação áudio inteirar-se-á, certamente, de que em Portugal já nada há — agora tudo *existe*.

«a ideia que *existe* neste momento na comunidade», «como se não *existisse* nada em comum», «não *existiam* quedas de água naquele lago», «*existe* um estradão que pode ser percorrido a pé», «não *existiu* consenso quanto ao significado das ondas de probabilidade», «devem ter *existido* muitos livros que apresentam uma outra maneira de pensar»...

Em todas as frases aqui exemplificadas, o mais indicado seria o velho verbo «haver» nas suas diversas formas de tempo e modo.

«a ideia que **há** neste momento na comunidade», «como se não **houvesse** nada em comum», «não **havia** quedas de água naquele lago», «**há** um estradão que pode ser percorrido a pé», «não **houve** consenso quanto ao significado das ondas de probabilidade», «deve ter **havido** muitos livros que apresentam uma outra maneira de pensar»...

Mas o ouvinte atento dos órgãos portugueses de informação inteirar-se-á também de que em Portugal já nada se diz — agora tudo se *fala*.

«já aqui *falámos* que», «conforme a senhora *falou*», «aquilo que foi *falado*», «nunca *falo* coisas como essa», «ele está a *falar* o mesmo de há bocado», «o que a gente tem estado aqui a *falar*»...

As formas corretas seriam «já aqui **dissemos** que», «conforme a senhora **disse**», «aquilo que foi **dito**», «nunca **digo** coisas como essa», «ele está a **dizer** o mesmo de há bocado», «o que a gente tem estado aqui a **dizer**»...

Há uma diferença notória entre estas duas tendências da língua portuguesa: na primeira, o recurso ao desnecessário verbo «existir», em situações que requereriam o simples e tradicional «haver», é talvez uma moda de elites sociais, uma sofisticação relativamente inócua, possível consequência da tradução automática do inglês *there to be* (o que, por outro lado, nos poderia levar a refletir nos efeitos — nem sempre louváveis — que o deslumbramento pelo inglês está a ter na evolução da língua).

Já a substituição de «dizer» por «falar» esbulha a distinção entre conceitos que não se devem confundir: «falar» não é o mesmo que «dizer» (tal como, por sua vez, «ouvir» não seria o mesmo que «escutar» e «olhar» não seria o mesmo que «ver»). Podemos falar muito sem nada dizer, do mesmo modo que podemos dizer muito sem falar (também podemos olhar sem nada ver... e ver muito sem olhar).

Nós não falamos coisas — dizemos coisas (quando muito, falamos *em* coisas, ou *de* coisas, ou *sobre* coisas, ou *acerca de* coisas).

Esta acelerada substituição de «dizer» por «falar» envolve a extinção do verbo designativo de um conceito bem específico. Portanto, é um empobrecimento; e configura uma tendência inegavelmente iníqua.

jorge.mendes909@gmail.com



Geórgia — ficha de país

Paulo Correia

Antigo funcionário da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

Nesta ficha de país, reúne-se informação terminológica relativa à Geórgia, que se encontra dispersa por vários documentos normativos ou de referência das instituições europeias. A Geórgia é um país candidato à adesão à União Europeia.

GEÓRGIA (IATE: 862715)

CAPITAL: Tiblíssi

GENTÍLICO/ADJETIVO: georgiano/a(s)

MOEDA: lari(s) (símbolo: ₾)

SUBDIVISÃO: tetri

Principais cidades: Tiblíssi⁽¹⁾, Batúmi, Cutáissi, Rustávi

Serras: Xecara (5203m)

Rios: Cura, Rióni, Ingúri

Situada na Transcaucásia, entre o Grande Cáucaso, a norte, e o Pequeno Cáucaso, a sul, a atual **Geórgia** (ou Sacartvelo ou Cartevélia) é historicamente sucessora do reino da Geórgia, resultante da unificação em 1008 dos reinos dos ibérios (ao centro e leste) e dos abcásios (a oeste), territórios que na Antiguidade formaram os reinos da Ibéria (Ιβηρία) — ქართლი, Kartli) — e da Cólquida (Κολχίς) — ეგრისი, Egrisi).

Geórgia é um exónimo, com provável origem no persa («terra dos lobos») mas também associado a São Jorge (cf. cruz de São Jorge na atual bandeira georgiana e a imagem de São Jorge e o dragão no brasão nacional). Outro exónimo para Geórgia é Grúzia, com origem no russo Грузия. Ao endónimo საქართველო (**Sakartvelo**) da Geórgia, formado pelo circunfixo georgiano **sa-**(etnónimo)-**o**, significando terra do (etnónimo), corresponderia o aportuguesamento Cartevélia⁽²⁾, com o sufixo (etnónimo)-**ia**. Confrontar com Mingrelia, terra dos mingrelícos (povo georgiano), exónimo dicionarizado a que corresponde o endónimo სამეგრელო (**Samegrelo**).

A Abcásia e a Ajária são repúblicas autónomas da Geórgia. A **Abcásia**⁽³⁾, terra dos abcásios, é uma república secessionista, situada no noroeste da Geórgia, cuja capital é Sucúmi. Os abcásios são maioritariamente cristãos ortodoxos. A **Ajária**, terra dos ajários, é uma república autónoma, situada no extremo sudoeste da Geórgia, cuja capital é Batúmi. Há uma percentagem significativa de ajários sunitas. Já a secessionista **Ossétia do Sul**, sucessora da província autónoma do mesmo nome da república soviética da Geórgia, formada pela metade norte da província da Ibéria Interior e territórios montanhosos circundantes, foi extinta *de jure* após a independência da Geórgia em 1990. Tsequinváli é a capital da Ossétia do Sul. Os sul-ossetas são maioritariamente cristãos ortodoxos.

O **georgiano** (ka), língua caucasiana cartevélica, é a língua oficial da Geórgia. Apresenta-se em anexo uma tabela com o alfabeto georgiano, os símbolos fonéticos correspondentes às letras e as transliterações aproximadas em português. O **abcásio** (ab), língua caucasiana não cartevélica, é língua oficial da Abcásia, a par do georgiano (*de jure*) e do russo (*de facto*). Os abcásios utilizam um alfabeto cirílico. Já na Ossétia do Sul as línguas oficiais *de facto* são o **osseta** (os), língua indo-europeia, e o russo. O osseta escreve-se com um alfabeto cirílico.

Alguns dialetos do georgiano (ართული, *kartuli*), de oeste para leste:

- imerécio (იმერული, *imeruli*), falado na **Imerécia** (იმერეთი, Imereti)
- lechúmio (ლეჩხუმური, *lechkhumuri*), falado na **Lechúmia** (ლეჩხუმი, Lechkhumi)
- rachano (რაჭული, *rach'uli*), falado na **Racha** (რაჭა, Rach'a)
- guriano (გურული, *guruli*), falado na **Gúria** (გურია, Guria)

- ajário (აჭარული, *ach'aruli*), falado na **Ajária** (აჭარა, Ach'ara)
- ibério (ქართლური, *kartluri*), falado na **Ibéria** (ქართლი, Kartli)
- mosco (მესხური, *meskhuri*), falado na **Mósquia**⁽⁴⁾ (სამცხე, Samtskhe)
- javaco (ჯავახური, *javakhuri*), falado na **Javáquia**⁽⁵⁾ (ჯავახეთი, Javakheti)
- caquécio (კახური, *kakhuri*), falado na **Caquécia** (კახეთი, K'akheti)

Notar os sufixos georgianos -ური (-uri) ou -ული (-uli), nos glossónimos, e -ეთი (-eti), nos topónimos.

Além do georgiano, as línguas cartevélicas da Geórgia incluem ainda, entre outras:

- suano (sva: ლუშნუ, *lušnu*), falado na **Suânia**⁽⁶⁾ (sva: შუან, Shwan)
- mingrélio (xmf: მარგალური, *margaluri*), falado na **Mingrélia**⁽⁷⁾ (xmf: სამარგალო, Samargalo)

Subdivisões administrativas

#	georgiano	português	inglês	IATE
9	მხარე mxare	região	region	
2	ავტონომიური რესპუბლიკა avt'onomiuri resp'ublik'a	república autónoma	autonomous republic	
76	მუნიციპალიტეტი munitsip'alit'et'i	município	municipality	

Regiões administrativas

GE ISO 3166-2	საქართველო	GEÓRGIA	GEORGIA	IATE
GE-AB	Аԥсны	Abcásia	Abkhazia	
GE-SZ	სამეგრელო-ზემო სვანეთი	Mingrélia-Alta Suânia	Samegrelo-Zemo Svaneti	
GE-GU	გურია	Gúria	Guria	
GE-AJ	აჭარა	Ajária	Ajaria	865959
GE-RL	რაჭა-ლეჩხუმი და ქვემო სვანეთი	Racha-Lechúmia e Baixa Suânia	Racha-Lechkhumi and Kvemo Svaneti	
GE-IM	იმერეთი	Imerécia	Imereti	
GE-SJ	სამცხე-ჯავახეთი	Mósquia-Javáquia	Samtskhe-Javakheti	
GE-SK	შიდა ქართლი	Ibéria Interior	Shida Kartli	
GE-MM	მცხეთა-მთიანეთი	Misqueta-Montanhas	Mtskheta-Mtianeti	
GE-KK	ქვემო ქართლი	Baixa Ibéria	Kvemo Kartli	
GE-KA	კახეთი	Caquécia	Kakheti	
GE-TB	თბილისი	Tiblíssi	Tbilisi	

Órgãos judiciais

#	georgiano	português	inglês	IATE
1	საკონსტიტუციო სასამართლო sak'onst'it'utsio sasamartlo	Tribunal Constitucional	Constitutional Court	
1	უზენაესი სასამართლო uzenaesi sasamartlo	Supremo Tribunal	Supreme Court	
2	სააპელაციო სასამართლო saap'elatsio sasamartlo	tribunal de recurso	court of appeal	
20	რაიონული სასამართლო raionuli sasamartlo	tribunal de comarca	district court	

Anexo: alfabeto georgiano

O moderno alfabeto georgiano (მხედრული, *mkhedruli*) deriva de alfabetos anteriores, que teriam inspiração no alfabeto grego. Tem 33 letras, sem maiúsculas. Indicam-se as letras com a posição em relação à linha:

ა ბ გ დ ე ვ ზ თ ი კ ლ მ ნ ო პ ჟ რ ს ტ უ ფ ქ ღ ყ შ ჩ ც ძ წ ჭ ხ ჯ ჰ

letra ka	transl. en ⁽⁸⁾	fonética (AFI) ⁽⁸⁾	equivalente português	nome georgiano	«transl.»
ა	a	/a/	a (em alto, aprox.)	არა (não)	ara
ბ	b	/b/	b (em basta)	ბურთი (bola)	burti
გ	g	/g/	g (em gato)	გრამი (grama)	grami
დ	d	/d/	d (em dente)	დათვი (urso)	datvi
ე	e	/ɛ/	e (em erva)	ევროპა	Evropa
ვ	v	/v/	v (em vez)	ვარსკვლავი (estrela)	varscvlavi
ზ	z	/z/	z (em zero)	ზღვა (mar)	zgva
თ	t	/tʰ/	t (em tudo, aspirado)	თავისუფლება (liberdade)	tavisupleba
ი	i	/i/	i (em ilha)	ინდაური (peru)	indauri
კ	kʼ	/kʰ/	c (em casa, ejetivo)	კი (sim)	qui
ლ	l	/l/	l (em lua)	ლელი (râguebi)	lelo
მ	m	/m/	m (em mão)	მთა (montanha)	mta
ნ	n	/n/	n (em não)	ნახშირი (carvão)	nacxiri
ო	o	/ɔ/	o (em ora)	ორი (dois)	ori
პ	pʼ	/pʰ/	p (em pato, ejetivo)	პური (pão)	puri
ჟ	zh	/ʒ/	j (em já)	ჟანგბადი (oxigénio)	jangbadi
რ	r	/r/	r (em caro)	რძე (leite)	rdze
ს	s	/s/	s (em saia)	სითბო (calor)	sitbo
ტ	tʼ	/tʰ/	t (em tudo, ejetivo)	ტბა (lago)	tba
უ	u	/u/	u (em uso)	უჯრედი (célula)	ujredi
ფ	p	/pʰ/	p (em pato, aspirado)	ფორთოხალი (laranja)	portocali
ქ	k	/kʰ/	c (em casa, aspirado)	ქალაქი (cidade)	kalaki
ღ	gh	/ɣ/	g (em gato, aprox.)	ღვინო (vinho)	gvino
ყ	qʼ	/qʰ/	c (em casa, aprox., ejetivo)	ყავა (café)	cava
შ	sh	/ʃ/	x (em xá)	შავი (negro)	xavi
ჩ	ch	/tʃʰ/	(t)ch (em tcheco, aspirado)	ჩაი (chá)	tchai
ც	ts	/tsʰ/	ts (em tsar, aspirado)	ცხენი (cavalo)	tsqueni
ძ	dz	/dʒ/	(d)z (em dzeta)	ძალი (cão)	dzagli
წ	tsʼ	/tsʰ/	ts (em tsar, ejetivo)	წყალი (água)	tscali
ჭ	chʼ	/tʃʰ/	(t)ch (em tcheco, ejetivo)	ჭადრაკი (xadrez)	tchadraqui
ხ	kh	/x/	c/qu (em casa, aprox.)	ხიდი (ponte)	quidi
ჯ	j	/dʒ/	(d)j (em djibutiano)	ჯვარი (cruz)	djvari
ჰ	h	/h/		ჰექტარი (hectare)	hectari

⁽¹⁾ **Tiblíssi** é a forma consagrada no *Código de Redação Interinstitucional*, por aproximação ao endónimo georgiano (cf. Wikipédia, *Ficheiro:Tbilisi.ogg*, <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Tbilisi.ogg>). A forma antiga era **Tiflis** (do grego Τίφλιδα).

⁽²⁾ Fala-se em línguas cartevélicas, geórgicas ou grúzicas.

⁽³⁾ «**abcásio** — ADJ. E.S. || (1) Relativo à região da Abcásia, região do Cáucaso, junto ao mar Negro. || (2) Natural, habitante ou cidadão da Abcásia. || (3) Ling. Língua falada na Abcásia. [de *Abcásia*, top.], Estraviz, I. A. (dir.), Durão, C. (dir.), *Dicionário Estraviz*, «abcásio», <https://www.estraviz.org/abcasio>.

⁽⁴⁾ **Mósquia** ou Mesquécia — terra dos moscos.

«mosco»¹ — adj. || que diz respeito aos moscos, povo antigo que habitava entre o mar Negro e o mar Cáspio. || -, s. m. pl. esse povo. F. lat. *Moschi.*», Lexikon, *Dicionário Aulete Digital*, «mosco», <https://aulete.com.br/mosco>.

⁽⁵⁾ **Javáquia** ou Javaquécia — terra dos javacos.

⁽⁶⁾ **Suânia** ou Suanécia — terra dos suanos.

«suano» — adj. || que diz respeito aos suanos, povo antigo da Cólquida. s. m. pl. esse povo. F. cf. lat. *Suani.*», Lexikon, *Dicionário Aulete Digital*, «suano», <https://aulete.com.br/suano>.

⁽⁷⁾ **Mingrélia** — terra dos mingrélhos

«mingrélho» — adj. || que diz respeito à Mingrélia, região da Geórgia, no Cáucaso. || -, s. m. natural ou habitante da Mingrélia. || Dialeto geórgico ou grúzico, falando na Mingrélia. F. Mingrélia, n. pr.», Lexikon, *Dicionário Aulete Digital*, «mingrélho», <https://aulete.com.br/mingrelho>.

⁽⁸⁾ Ager, S., *Omniglot: The Online Encyclopedia of Writing Systems and Languages*, «Mkhedruli (მხედრული)», <https://www.omniglot.com/writing/mkhedruli.htm>.



Moldávia — ficha de país

Paulo Correia

Antigo funcionário da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

Nesta ficha de país, reúne-se informação terminológica relativa à Moldávia que se encontra dispersa por vários documentos normativos ou de referência das instituições europeias. A Moldávia é um país candidato à adesão à União Europeia.

REPÚBLICA DA MOLDÁVIA (IATE: 862709)

CAPITAL: Quixinau

GENTÍLICO/ADJETIVO: moldavo/a(s)

MOEDA: leu(s) moldavo(s)

SUBDIVISÃO: ban

Principais cidades: Quixinau, Tiraspol⁽¹⁾, Baltse⁽²⁾, Bender

Serras: Corneste⁽³⁾ (429 m)

Rios: Dniestre, Prute, Danúbio⁽⁴⁾

A atual **Moldávia** (**República da Moldávia**) deve o nome ao antigo principado da Moldávia, compreendido entre os Cárpatos Orientais e o rio Dniestre. Vicissitudes históricas fizeram com que o território do principado esteja atualmente dividido pelo rio Prute entre a Moldávia Ocidental (região romena), por um lado, e a Moldávia Oriental (República da Moldávia) e o Bujaque (no extremo sudoeste da Ucrânia, no litoral do mar Negro, entre o Danúbio e o Dniestre), por outro, e ainda entre a Bucovina do Norte (na Ucrânia) e a Bucovina do Sul (na Roménia). O território da Moldávia Oriental e do Bujaque também já foi conhecido como Bessarábia⁽⁵⁾, durante os tempos do Império Russo ou da Grande Roménia.

A Gagaúzia e a Transnístria são unidades territoriais autónomas da República da Moldávia. A **Gagaúzia**, terra dos gagaúzes, é um território descontínuo situado no sul da Moldávia. Há populações gagaúzes também no Bujaque (Ucrânia). Os gagaúzes são maioritariamente cristãos ortodoxos. Comrat é a capital da Gagaúzia. Já a atual **Transnístria** juntou-se tardiamente à Moldávia a partir de territórios destacados da Ucrânia em 1940 e que tinham feito parte da República Socialista Soviética Autónoma da Moldávia (1924-1940), situada na margem oriental do rio Dniestre. Durante a II Guerra Mundial, a Transnístria romena estendeu-se para leste até ao rio Bugue, com capital em Odessa. Os territórios das Unidades Administrativas Territoriais da Transnístria (*de jure*) e da República Moldava Nistriana⁽⁶⁾ (*de facto*) são praticamente coincidentes. Porém, a Transnístria secessionista controla territórios

cisnistrianos da cidade de Bender e dos distritos de Anenii Noi e Căușeni e territórios transnistrianos do distrito de Dubăsari. Tiraspol é a capital da Transnístria.

O **romeno**⁽⁷⁾ é a língua oficial da Moldávia, sendo também língua oficial da Roménia e da União Europeia. No n.º 47 d'«a folha» apresenta-se em anexo à ficha de país da Roménia uma tabela⁽⁸⁾ com o alfabeto latino romeno, os símbolos fonéticos correspondentes às letras e as transliteraões aproximadas em português. Até 2008 o romeno da Moldávia tinha um código ISO 639-1 próprio (mo) e designava-se língua moldava. Até 1989 o romeno da Moldávia escrevia-se com um alfabeto cirílico. Exemplo: Република Советикэ Социалистэ Молдовеняскэ (República Soviética Socialista Moldava). O **gagauz** (gag), língua túrquica, é língua oficial da Gagaúzia, a par do romeno e do **russo** (ru). Já a Transnístria tem o romeno, o russo e o ucraniano (uk) como línguas oficiais.

Subdivisões administrativas⁽⁹⁾

#	romeno	português	inglês	IATE
6	regiune de dezvoltare	região de desenvolvimento	development region	
2	unitate teritorială autonomă	unidade territorial autónoma	autonomous territorial unit	
32	raion	distrito	district	
68/13	oraș/municipiu	cidade/município	town/municipality	3523300
1665/966	sat/comună	aldeia/comuna	village/commune	

As duas unidades territoriais autónomas são igualmente regiões de desenvolvimento. Aos 32 distritos somam-se três municípios equiparados a distrito: Quixinau, Baltse e Bender. Há 13 cidades com nível de município. Há 966 povoações com nível de comuna e povoações dependentes de comunas. Há comunas dependentes de municípios.

Regiões administrativas

MD ISO 3166-2	MOLDOVA	MOLDÁVIA	MOLDOVA	IATE
	Chișinău	Quixinau	Chisinau	
MD-CU	Chișinău	Quixinau	Chisinau	1891484
	Nord (Țara de Sus)	Norte (Região Norte)	North (Northern Region)	
MD-BA	Bălți	Baltse	Bălți	
MD-BR	Briceni	Briceni	Briceni	
MD-DO	Dondușeni	Dondușeni	Dondușeni	
MD-DR	Drochia	Drochia	Drochia	
MD-ED	Edineț	Edineț	Edineț	
MD-FA	Fălești	Fălești	Fălești	
MD-FL	Florești	Florești	Florești	
MD-GL	Glodeni	Glodeni	Glodeni	
MD-OC	Ocnîța	Ocnîța	Ocnîța	
MD-RI	Rîșcani	Rîșcani	Rîșcani	
MD-SI	Sîngerei	Sîngerei	Sîngerei	
MD-SO	Soroca	Soroca	Soroca	
	Centru (Țara de Mijloc)	Centro (Região Centro)	Centre (Central Region)	
MD-AN	Anenii Noi	Anenii Noi	Anenii Noi	
MD-CL	Călărași	Călărași	Călărași	
MD-CR	Criuleni	Criuleni	Criuleni	
MD-DU	Dubăsari	Dubăsari	Dubăsari	
MD-HI	Hîncești	Hîncești	Hîncești	
MD-IA	Ialoveni	Ialoveni	Ialoveni	
MD-NI	Nisporeni	Nisporeni	Nisporeni	
MD-OR	Orhei	Orhei	Orhei	
MD-RE	Rezina	Rezina	Rezina	
MD-SD	Șoldănești	Șoldănești	Șoldănești	

MD-ST	Strășeni	Strășeni	Strășeni	
MD-BD	Bender ⁽¹⁰⁾	Bender	Bender	
MD-TE	Telenești	Telenești	Telenești	
MD-UN	Ungheni	Ungheni	Ungheni	
	Sud (Țara de Jos)	Sul (Região Sul)	South (Southern Region)	
MD-BS	Basarabasca	Basarabasca	Basarabasca	
MD-CA	Cahul	Cahul	Cahul	
MD-CT	Cantemir	Cantemir	Cantemir	
MD-CS	Căușeni	Căușeni	Căușeni	
MD-CM	Cimișlia	Cimișlia	Cimișlia	
MD-LE	Leova	Leova	Leova	
MD-SV	Ștefan Vodă ⁽¹¹⁾	Ștefan Vodă	Ștefan Vodă	
MD-TA	Taraclia	Taraclia	Taraclia	
MD-GA	Găgăuzia ⁽¹²⁾ Unitatea Teritorială Autonomă Găgăuzia (UTAG)	Gagaúzia Unidade Territorial Autónoma da Gagaúzia (UTAG)	Gagauzia Autonomous Territorial Unit of Gagauzia (ATUG)	3545356
MD-SN	Transnistria ⁽¹³⁾ Unitățile Administrativ- Teritoriale din stînga Nistrului	Transnistria Unidades Administrativas Territoriais da Transnistria	Transnistria Administrative-Territorial Units of the Left Bank of the Dniester	

Órgãos judiciais

#	romeno	português	inglês	IATE
1	Curtea Constituțională	Tribunal Constitucional	Constitutional Court	
1	Curtea Supremă de Justiție	Supremo Tribunal de Justiça	Supreme Court of Justice	
4	curte de apel	tribunal de recurso	court of appeal	
15	judecătorie	tribunal de comarca	tribunal	

correiapms@gmail.com

⁽¹⁾ **Tiraspol**, cidade do Tiras (nome grego do Dniestre). Em alternativa, Tiráspol (mais próximo da pronúncia russa) ou Tiráspolis (cf. Sebastópolis ou Mineópolis em Rebelo Gonçalves, *Vocabulário da Língua Portuguesa*).

⁽²⁾ ro: Bălți. O *i* final em romeno soa como o *e* final em português.

⁽³⁾ Serra que separa as bacias hidrográficas do Prute e do Dniestre.

⁽⁴⁾ Em 2005, por troca territorial com a Ucrânia, a Moldávia passou a controlar 430m da margem esquerda do Danúbio, imediatamente a jusante da confluência do Prute. Nessa margem situa-se o porto de **Giurgiulești**, o único porto moldavo que permite o acesso de navios marítimos. Por sua vez, a Ucrânia ficou com o controlo de 7,7km da estrada E87 no atravessamento do extremo sudeste da Moldávia. A E87 é a única ligação rodoviária entre o Bujaque e o restante território da província de Odessa.

⁽⁵⁾ O topónimo **Bessarábia** derivará do nome do rei Bassarabe I da Valáquia (1270-1352).

⁽⁶⁾ ro: Republica Moldovenească Nistreană (Република Молдовеняскэ Нистрянэ); ru: Приднестровская Молдавская Республика; uk: Придністрівська Молдавська Республіка.

⁽⁷⁾ Cf. *Articolul 13 — Limba de stat, funcționarea celorlalte limbi*

Tribunal Constitucional, *Constituția Republicii Moldova*, 2022, https://www.constcourt.md/public/files/file/Baza%20legala/Constitutia_RM_RO.pdf.

⁽⁸⁾ Pracana, C., Correia, P., Stroe, M., «Roménia — ficha de país», «a folha», n.º 47 — primavera de 2015, https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha47_pt.pdf.

⁽⁹⁾ Cf. *Articolul 110 — Organizarea administrativ-teritorială*
Tribunal Constitucional, *Constituția Republicii Moldova*, 2022, https://www.constcourt.md/public/files/file/Baza%20legala/Constitutia_RM_RO.pdf.

⁽¹⁰⁾ Também conhecido como Tighina.

⁽¹¹⁾ Por referência a Estêvão III da Moldávia (1433-1504).

⁽¹²⁾ gag: **Gagauziya (também Gagauz Yeri** — Terra dos Gagaúzes), Avtonom Territorial Bölümlüü Gagauziya. ru: Гагаузия, Автономное территориальное образование Гагаузия.

⁽¹³⁾ ru: Приднестровья, Административно-территориальные единицы левобережья Днестра. uk: Придністрів'я, Автономні територіальні утворення з особливим правовим статусом Придністрів'я.

Exoneração de responsabilidade: Os textos incluídos são da responsabilidade dos autores, não refletindo necessariamente a opinião da Redação nem das instituições europeias.

A Redação é responsável pela linha editorial d'«a folha», cabendo-lhe decidir sobre a oportunidade de publicação dos artigos propostos.

Redação: Ana Luísa Faria (Conselho); José Pedro Ferreira (Comissão); Victor Macedo (CESE-CR); José António Mesquita (PE); António Raúl Reis (Serviço das Publicações)

Grupo de apoio: Paulo Correia; Susana Gonçalves (Comissão); Hilário Leal Fontes (Comissão); Álvaro Carvalho (Comissão); Cristina Machado (Comissão); Daniela Ramalho da Silva (PE); Joana Seixas (CESE-CR)

Paginação: Susana Gonçalves (Comissão)

Envio de correspondência: dgt-folha@ec.europa.eu

Edição impressa: oficinas gráficas do Serviço de Infraestruturas e Logística — Bruxelas (Comissão)

Edição eletrónica: sítio Web da Direção-Geral da Tradução da Comissão Europeia no portal da União Europeia — https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/pt_magazine_pt.htm

Os artigos contidos neste boletim podem ser reproduzidos mediante indicação da fonte e do autor.



A coleção completa d'«a folha» está disponível no catálogo em linha da Biblioteca Jacques Delors [https://infoeuropa.eu/ocid.pt/pesquisar/wti=\(a+folha\)+AND+\(wfmt=se+OR+wfmt=an\)/catalogo=bibliografico](https://infoeuropa.eu/ocid.pt/pesquisar/wti=(a+folha)+AND+(wfmt=se+OR+wfmt=an)/catalogo=bibliografico)

«a folha» ISSN 1830-7809

